

Oferta
-0. NOV. 1998

NÊSTE NÚMERO



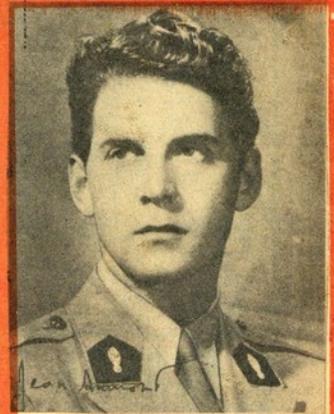
As irmãs Mairêles estiveram no Pôrto e foram felicitadas pela esposa do Chefe do Estado.

(Ver pág. 5)



A música nas indústrias de guerra é também uma arma para a conquista da paz...

(Ver páginas centrais)



Jean Pierre Aumont acaba de viver na tela a história da sua evasão da França, a caminho de Lisboa!

(Ver pág. 8)

Rosa Maria Varela Cid, uma menina de 13 anos que é pintora!

(Ver reportagem na pág. 21)

(Foto Seródio)

**VIDA
MUNDIAL**

ANO IV—N.º 184

23 DE NOVEMBRO DE 1944

PREÇO AVULSO ESC. 1\$50

ILUSTRADA

SEMANARIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

Também há juizes em Portugal...

A notícia que nos deram alguns jornais, sobre a sentença há dias proferida pelo juiz — Doutor Francisco Menano — requiere comentário especial, o aplauso vemente e unânime da Nação, o ser reproduzida, em milhares de prospectos, difusamente espalhados, por todos os recantos de Portugal e lida nas igrejas, como homilia de subidos intuídos educativos.

Condenar, castigar severamente o «palavrão», apontando assim aos ignorantes, aos distraídos, o que é representante de vexatório para um país, com pretensões a civilizado, é não só um feito de notabilíssima coragem moral, como de excelsa beleza.

Abriu os olhos aos pais, aos mestres, aos sacerdotes, marcando, estigmatizando a linguagem obscena, afrontando-a enérgicamente, como um dos mais fáceis caminhos, para o livre trânsito da degradação dum povo, como inferiorização mental e moral duma raça — é um acto que precisa de ser exposto em evidência. Não pode ficar submerso no banal monótono dos «casos do dia», triturado pela roda vertiginosa dos factos sem eco.

Vibrantíssimos louvores são devidos ao magistrado ilustre, pelos pais cónsicos das suas obrigações, pelos pedagogos, em pleno conhecimento da sua dignidade, pelos sacerdotes de Cristo, empenhados no combate a tudo quanto ofenda a virtude e os bons costumes.

A uns e outros, como orientadores de Portugal, na senda luminosa duma espiritualidade mais alta, para as resplandecências das verdades indiscutíveis, incumbe a glosarem a lição moral, ministrada pela sentença do sr. dr. Francisco Menano e empenharem-se, em porfiada luta, para que esse vergonhoso ferrite desapareça das faces da nação portuguesa.

Pela compreensão da beleza, na harmonia superior de atitudes, na elegância nobre da palavra, no registo distintivo da elevação de pensamentos, se atinge o mais agudo registo do clima e do panorama dum povo.

O grosseiro, o incorrecto no trato social, o reles nos gestos, o pornográfico, o obsceno — são vilipendiosos para os povos que se prezam.

Lisonjear os viscosos, os torpes sedimentos de selvagismo, frementes no ódio do instinto humano, como frequentemente se usa entre nós, no teatro, na literatura, admitindo-os sem escrúpulo, subindo-os com risos maliciosos de concordância, ou projectando-os, entre amigos, em galhofeiras palestras, ou furtando-se a protestar em público, contra essa nefasta praga de depravação, é crime sem atenuante. Porque o escancarar ao vício a porta dos lares; permitir nas vias públicas, o desfloramento espiritual dos meninos; prefanar a língua, em que aprendemos a proferir o nome de Deus e o apelativo amoroso e casto de Mãe — é aviltar Portugal.

O desbragamento verbal dos adultos na nossa terra que já no reinado do D. João V assombrava e indignava os estrangeiros que nos visitavam, é um dos elementos mais activos na desmoralização precoce dos infantes, dos adolescentes, dos mocos.

Crianças há que, antes de pronunciarem as palavras de branda melícuca, cativadoras dos corações, lançam das boquitas inocentes os termos chulos, as repugnantes, as horrendas expressões da linguagem sórdida.

Por esse país além, ofende-se continuamente a cândidez, a pulcritude das raparigas, atrahendo-lhes amabilidades lascivas, possivelmente recolhidas e adoptadas em lugares onde impera a ignomínia.

Deste modo semeia-se com brutalidade convicia a grama fecunda da perdição nos ouvidos é logo nas almas, até ali possivelmente immaculadas. Urpe, pois, que por honra da Nação o desbragamento da linguagem, a pornografia, bem mais prejudiciais à sua sanidade moral do que certas modas de carácter transitório, contra as quais se formam linhas de atradores implacáveis, se desenvolva uma campanha sem tréguas, desde o regaço materno, aos bancos escolares, aos locais de diversão, à rua.

E que o admirável exemplo da sentença austera dum Juiz, nobremente penetrado da grandeza conferida pela sua elevada função civilizadora, seja imperturbavelmente, inflexivelmente seguida pela magistratura portuguesa.

Se os chamados «crimes graves» colhem penas rigorosas, por ofenderem a integridade virginal dos corpos, sobre os violadores das almas, pela sugestão da palavra soez, iguais sanções devem cair, por se tratar de repugnantes delapidadores da riqueza anímica da Nação.

Um país que pretende ser cristão é obrigado a pôr ponto final em tudo quanto humilha e avilta a sua espiritualidade. A frase escabrosa possui, na sua essência íntima, ramificações clássicas, de forte poder corrosivo. O conselho e a correcção fraternos constituem uma das Obras de Misericórdia.

Bem fazem não o esquecendo os que se interessam pela espiritual e moral ascensão portuguesa.

EMILIA DE SOUSA COSTA



AS JANELAS DE LISBOA

A cidade tem duas janelas altas: Santa Luzia e Santa Catarina. Numa é a velha Lisboa, de labirintos, de cotovéis, de betesgas de pátios úmidos que se enxerga numa paisagem uniforme donde ressaltam, aqui e ali velhos postigos e trapeiras floridas de sardinheiras; noutra é o Tejo, o mar azul, longo, imenso, correndo barra fora, com o dorso coberto de prata. O lisboeta gosta de espreitar Lisboa destas duas janelas. Tanto assim que é corriqueiro dizer-se: «foste ver navios para o alto de Santa Catarina», embora hoje poucos navios se vejam, porque os oceanos, que eram de todos, passaram a ser um campo de armadilhas, de emboscadas...

Nestas duas janelas o lisboeta tem a vida da cidade. Os grandes prédios, inchados de cimento, com as suas tragédias cotidianas — e os estreitos e bafientos becos com o seu ar refilão de vizinha insultuosa. Simplesmente pouca gente vai aos mirantes. Nos Pinheiros de Nossa Senhora da Ajuda, ali em cima, junto do velho palácio, quis a Câmara ajardinar e fazer logradouro público. Se puser lá um guarda, recinto vedado, canteiros — pronto, estragou a obra. Aquilo fica logo com um ar oficial que escandaliza o lisboeta.

O boné de pala do senhor guarda, o asseio do chão, os canteiros ajardinados, não sei porquê, produzem, como ferroadas, o mal-estar de não se poder expandir, de estar quieto, com juízo...

Desde que não se leve o cabaz, a coisa não se arranja. Por isso, no

Verão, nos Pinheiros da Ajuda, na Ermida de S. Jerónimo, há famílias abançadas que fazem almoços em cima de tejos, para gozarem o panorama de Lisboa. Mas o panorama sem pastéis de bacalhau ou uma boa pinga não tem interesse nenhum.

Depois, aquilo é um descampado ao abandono. As crianças brincam ao sol. Os homens jogam a malha. Improvisam-se bailaricos, com a viola e os descantes com trovãs inspiradas na região do Cartaxo. Tudo isto, afinal, é a saúde do povo. É assim que ele goza a sua liberdade. E ver o povo contente — é vê-lo feliz.

Acabam-se as amarguras, esquecem-se as dores alheias, vive-se a alegria do momento. As sombras dos pinheiros acolhem os foliões — como se fossem tóldos duma praia de turismo. Em mangas de camisa, unidos pelo mesmo espírito da comezaina, o lisboeta sente-se feliz. E, entre dois arrotos, aponta-se a barra, que é bem bonita, e a Serra da Arrábida um encanto. Ora nestas janelas da cidade, onde o povo se distrai, se vem o polícia ver quem deita as espinhas do peixe para o chão ou quem se insulta, amigavelmente, por palavras, o caso fica estragado. Se meterem um intérprete, que explica aquilo, pronto, perde o interesse.

A novidade está, na verdade, em cada um ver a cidade à sua maneira. Se um diz que é Xabregas e o outro aposta que é o Beato, temos entretenimento para uma tarde. Quando aparecem, então, daqueles maduros que vêm, à viva força, a casa onde moram, gente à janela, burros na Outra Banda, tudo se anima. Debruçam-se, apontam, espremem o olhar e vêem, vêem claramente não só a janela, como a porta, e a Serra com as bilhas, os burros a zurrar. Um dia chegará a Lisboa o americanismo expansivo das largas iniciativas.

As janelas de Lisboa terão, para regalo dos lisboetas, restaurantes típicos ao ar livre, barracas de tiro ao alvo, «carroussel» e binóculos de aluguel. Em improvisados quiosques vender-se-ão estampas alegóricas — orquestras-jazz, chás dançantes, «ginkanas» elegantes, serão atractivos. Unicamente o povo não irá debruçar-se à janela. Já não pode levar a merenda, nem os miúdos o tricicle e a bola de trapos.

E, também, toda essa gente elegante de costas voltadas para o Tejo, dançando uma rumba, navegando na paisagem de olhos bezuntados de «rimel» — enquanto Lisboa, cá em baixo, espera que o povo a vá ver, lavadinha e fresca nas tardes de estio...

MANUEL MARTINHO

O PARQUE EDUARDO VII (visto por João Martins)



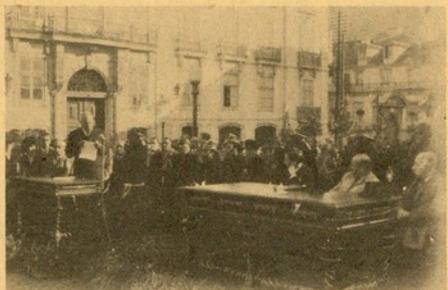
NOTAS RAPIDAS



O sr. ministro visitou Caçadores 5 e almoçou com os oficiais daquela arma militar. Almoço e visita foram pretexto para o sr. tenente-coronel Santos Costa proferir algumas palavras sobre a actual situação portuguesa, onde não cabe, como o sr. ministro afirmou, a preocupação do problema de ordem pública. Na foto, vemos o ilustre homem público à sua chegada a Caçadores 5.



No Palácio de Belém, realizou-se a cerimónia da entrega das credenciais do novo ministro da Itália ao sr. General Carmona, trocando-se, então, palavras mútuas de cumprimentos entre o Chefe do Estado e o sr. Marquês Rossi Longhi.



Há cem anos, nasceu Luciano Cordeiro, fundador e secretário-perpétuo da Sociedade de Geografia. Para celebrar a obra e perpetuar-lhe o nome, aquela Sociedade promoveu uma sessão de homenagem presidida pelo Chefe do Estado e descerrou uma lápide no prédio n.º 11 do Largo Barão de Quintela, onde viveu e morreu Luciano Cordeiro. É dessa inauguração o aspecto que damos.



Desde há dias, Silva Pôrto tem o seu nome ligado à rua Luiza Tódi, n.º 6, por uma forma inesquecível. A obra e o nome do mago da pintura, que nasceu no Pôrto e morreu em Lisboa, foram realçados na cerimónia de inauguração de uma lápide naquele prédio — uma bela iniciativa da Casa do Distrito do Pôrto e a que se associaram todos os elementos das artes portuguesas.



Para comemorar a passagem do Armistício, o sr. sub-secretário do Estado da Guerra depôs flores na base do monumento aos Mortos da Grande Guerra. Na foto, vêem-se os representantes das delegações estrangeiras e o presidente da L. C. G. G. diante do monumento da Avenida.



O curso de engenharia de 1919 festejou, há dias, as suas bodas de prata, pretexto para uma festa de confraternização, que se revestiu de ambiente de excepcional camaradagem. O curso assistiu a uma aula do eng. sr. Vicente Ferreira, no Instituto Superior Técnico, reunindo-se, mais tarde, num almoço que se efectuou no mesmo estabelecimento de ensino.

A ENTREVISTA DA SEMANA

Leis protectoras, directores de produção, boa-vontade e muita moral — eis o que o cinema português exige — diz Aurélio Rodrigues!



AURÉLIO Rodrigues, antigo aluno do curso nocturno da Arte de Representar do Conservatório Nacional, que trabalhou com Chaby e José Ricardo e com Ilda Stichini, que foi discípulo de António Pinheiro e de Lacerda — está na nossa frente, para nos dizer:

— Não me chamo Amélio nem Amálio, como se escreveu na *Vida Mundial Ilustrada!*

Ele está um pouquinho aborrecido com os trocadilhos das vogais e das consoantes, mas nós achamos que o melhor é fazer que não damos conta e perguntamos-lhe, para aproveitar a oportunidade e fazer dela uma entrevista:

— Val fazer um filme?
— Serel o director técnico de um filme que Brum do Canto realizará...
— Qual o melhor realizador português?
— Disse-lhe o nome agora mesmo...
— Qual o assunto do seu filme?
— «Ladrão, precisa-se», argumento de Simões Müller e Silva Tavares...
— Até agora, que tem sido no cinema?

— Além de um grande entusiasta, tenho sido um meticoloso estudioso, com a prática dos *plateaux*, o exercício de *maquilleur* e a direcção de um laboratório fotográfico. Creio que outros se terão abalançado a produzir filmes, com muito menos bagagem técnica... prática e teoricamente falando.

De facto, Aurélio Rodrigues, que tem sido o caracterizador em quasi todas as produções nacionais, é um trabalhador, um entusiasta de tudo que diz respeito ao cinema, de modo que não é difícil compreender que tem idéas e opiniões com interesse de divulgação. Perguntamos-lhe o que pensa do cinema português e a resposta não demora:

— O cinema é uma manifestação de arte e, entre nós, só se têm feito manifestações comerciais. O que tenho visto é quasi tudo obra de fanfaria.

— Por quê?
— Por que nos falta quasi tudo, incluindo uma lei de protecção ao cinema. Como é possível «defender-se» uma fita que leva 800 contos de despesas e que não tem, por esse país fora, onde exhibir-se? A lei que protege o teatro, na construção de casas de espectáculo, não pode con-

tinuar sem ser revista. É preciso dar cinemas a essas províncias, é preciso que de algum organismo sejam disposições protectoras da distribuição. O que se passa neste campo é verdadeiramente embaraçoso para o desenvolvimento da nossa produção raras vezes com possibilidades de uma boa colocação. Depois, é preciso que haja uma lei de protecção idêntica à que existe em Espanha e que está a dar bons frutos. Os distribuidores e exhibidores só podem incluir nos seus programas uma certa percentagem de bons filmes estrangeiros, para que o público seja compelido a assistir às exhibições espanholas. Mais do que o financiamento ou empréstimos, do que o cinema precisava era de leis que o ajudassem...

— E teremos elementos com quem se possa contar, se amanhã houver essas leis de protecção?

— A grande dificuldade está em arranjar directores de produção, porque de facto, os não temos. Ainda assim, César de Sá é de todos o que mais provas dá de conhecer os vários ramos de produção.

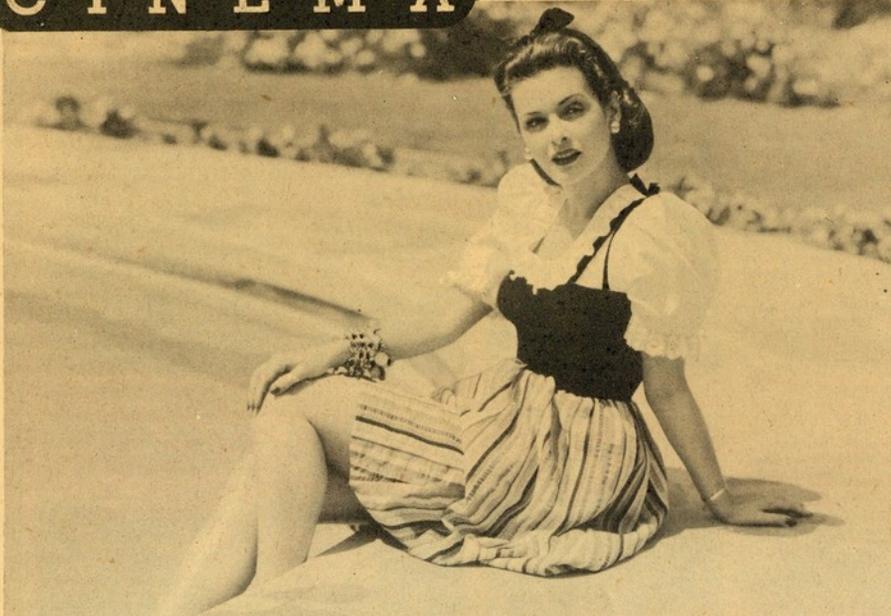
— Como foi para o cinema, depois de ter passado pelos palcos do teatro?

— Estreei-me na «Canção da Terra», em substituição de Fernando Barros por acaso. O Barriñho faltou e eu fui procurado pelo Faro. Fui, aí, aderecista, depois passei a caracterizador e, nos «tempos heróicos» do cinema nacional, com António Lourenço, cheguei a fazer um filme que não teve onde exhibir-se... Era «A mão enludada»... e

Está de acôrdo com isto?

UM dia destes, entrei numa leitaria do Camões para lanchar. Numa mesa ao lado, acabava de se sentar um senhor de chapéu bem pôsto às três pancadas, que ficou a equilibrar-se, pesadamente, na pontinha do assento da cadeira. Bom, o que eu quero dizer é outra coisa: o senhor em questão tinha à sua frente um prato de pastéis de bacalhau e de carne. De vez em quando, com a sua mão sapuda, apalpava um pastel, apalpava outro, tirava, enfim, o que lhe parecia melhor e dentava-o. Até aqui, tudo é «relativamente» normal. E digo relativamente, porque, enfim, não me parece muito louvável que qualquer cliente que entre numa pastelaria se sinta no direito de apalpar os pastéis que depois os outros vão comer... Mas, muito pior, foi o que eu vi fazer ao tal senhor: tirar um pastel, dentá-lo e colocá-lo sobre os outros pastéis que tinha à sua frente! É admissível que vão depois os outros fregueses comer os restos de migalhas e o mais que ficou agarrado aos pastéis que o senhor não quis comer?

Reclame, sr. director, de quem de direito — talvez da Direcção de Saúde — que interceda junto da Intendência que proibiu que se servissem em pratos, nas pastelarias, os pastéis de carne e de peixe — para que não fossem também servidos garfos. É higiénico ou reverte a favor da hygiene uma restrição de garfos, facas e pratos? Eu acho que não, e por isso venho junto da sua Revista, para que seja determinado em contrário. Compreendo que não seja autorizada a venda de outros alimentos, por dificuldades económicas. Agora que nos obriguem a comer com a mão e, ainda por cima, facilmente a falta de asseio de certas pessoas... — JOSÉ DIAS DO CARMO



Uma cigana?!... Uma alsaciana estilizada?!... Apenas Joan Bennett, na piscina da sua casa — num lindo dia de sol.

Legendas adulteradas

O problema das legendas dos filmes não foi ainda encarado e resolvido, como se impõe. Todos os dias surgem novos factos em re- forço da gravidade com que se apresenta — e nem por isso se vis- lumbrava a possibilidade de solução. Será tão insignificante a sua projecção cultural ou tão difícil o remédio — que justifique a indiferença responsável por tal estado de coisas? Creemos que não. E isto porque temos presente a determinação camarária que proíbe a afixação de réclamos ou a distribuição de prospectos sem o visto da censura ortográfica. E aí do cartaz ou fôlha de publicidade que apareça sem o acento circunstoso no «éxito» ou sem as palavras esdrúxulas acentuadas, porque não obterá a autorização indispensável para ser colado na parede ou circular de mão em mão.

Queizarmo-nos das grialhas tipográficas ou das incorrecções ortográ- ficas numa publicação portuguesa é o mesmo que falar na corda, em casa de enforcado... Mas, no nosso caso, há atenuantes que não nos pare- cem legítimas no que se refere às legendas cinematográficas. E se citá- mos a censura ortográfica foi apenas para documentar a importância que a edilidade dá à redacção do cartaz da pomada para o calçado — ou para o prospecto do saldo de fim de estação. Importância que justificaria, paralelamente, qualquer sugestão tendente a melhorar as traduções dos nossos filmes.

Vimos, há dias, uma das mais recentes películas espanholas. Há uma cena que se passa num cemitério. As personagens referem-se, várias vezes, ao «sepulcero», o nosso portuguêsíssimo «coveiro». Pois sabem como apareceu traduzido? Por «sepulcero» — neologismo macabro, que é de fazer ressuscitar na cova um purista da linguagem.

Em determinado filme americano, suscitavam-se dúvidas sobre a iden- tidade dos noivos. E a recém-casada acabava por declarar que o homem que a acompanhava era o noivo (groom). O tradutor, lembrando-se possi- velmente dos mandaretes das nossas lojas, apodou o «noivo» de «criado». E o público, surpreendido e admirado, não percebia o motivo que levava aquela mulher, apaixonada e gentilíssima, a apontar para o homem dos seus sonhos dizendo: «éste é o meu criado», quando, na verdade, o apre- sentava ternamente: «éste é o meu noivo!».

Poderíamos encher páginas com exemplos semelhantes, em que a própria história que o filme nos conta sofre tratos de polé. Mas o leitor sabe que não exageramos e que as legendas dos nossos filmes são, com demasiada frequência, deficientes. Impõe-se pôr termo a tal estado de coisas. E defender-se-á, deste modo, o prestígio do espectáculo e a cultura da Nação.

FERNANDO FRAGOSO

PLANOS DE MONTAGEM

Artur Duarte encontra-se em Madrid, depois de ter concluído a planifica- ção de «O Hóspede do Quarto n.º 13», segundo um argumento de Fernando Mendez Leite. O filme deverá ser produzido nos estúdios de Barcelona, com um elenco onde os elementos portugueses e espanhóis entram em idêntica percentagem.

* * *

Segundo nos informam, está para breve a publicação do «Regulamento de Trabalho da Produção de Filmes».

* * *

Santos Mendes prossegue, sem des- falecimentos, as filmagens de «A Noiva do Brasil». Ultimamente regis- tou uma das cenas mais importantes: a festa da passagem do Equador, a bordo de um grande paquete, em viagem para Lisboa.

E de presumir, deste modo, que «A Noiva do Brasil» esteja prestes a desembarcar...

* * *

Aníbal Nazaré concluiu um argu- mento: «Matinée às 4», e que será interpretado por Maria Sidónio.

Val ser engraçado ler os anúncios, quando o filme estiver em exibição: «Hoje, às 3 e meia: Matinée às 4». Ou então: «Hoje, não há matineés, mas apenas «soirées», às 21,30, com Matinée às 4»...

* * *

Panorama actual da nossa indús- tria de filmes: «Produzir — sem pou- par»...

FITAS FALADAS

A história da rapariga que sente palpar, dentro de si, uma nova vida e ignora a identi- dade e o paradeiro do pai da criança que vai nascer — teria, há vinte anos, fornecido o teor para um drama de fazer chorar as pedras da calçada. Em 1944, e nas mãos desse «enfant terrible» do cinema, que é Preston Sturges — redundou numa comédia, de permanente hila- riedade. E, no entanto, o drama da mulher está patente — as suas reac- ções são, até certo ponto, lógicas e naturais — e tudo o que gravita em redor do acontecimento é que se reveste de uma comicidade incom- parável, porque Preston Sturges soube trazer a lume os aspectos bur- lescos do conflito e satirizar, em seqüências admiráveis, certos aspec- tos «divertidos» da vida americana.

Depois, da inversão das situações, que constituem lugar comum, o realizador tira efeitos inesperados, como, por exemplo, na cena em que o carcereiro tenta o impossível para que o preso se evada; na situação do pai que aconselha o namorado tímido a levar a filha ao cinema, clima propício para a declaração de amor; na circunstância de ser a irmã mais nova, a despeito dos quinze anos, a aconselhar a mais velha, re- velando uma experiência da vida, tão precoce como desconcertante...

E a sátira, ora amável ora contun- dente à ternura patriótica das rapa- rigas pelos soldados que partem para a guerra; à justiça estadual, que cumula de presumíveis crimes o desgraçado que cai na sua alçada, para logo lhe vestir uma farda de major quando o supõe pai de seis gémeos; aos casamentos em série, realizados a deshoras, e não obstante os cônjuges se encontrarem sob a acção dos fumos do álcool — tudo constitui, neste filme, espirituosas anotações que projectam o espectá- culo mais além do seu tom desca- belado de farsa disparatada.

«Papá por acaso» — título infeliz, a diminuir este portentoso «Miracle of Morgan Creek» — fica, assim, como uma das melhores comédias da presente temporada, a confirmar o talento extraordinário da explosiva Betty Hutton e do não menos excelente Eddie Bracken, artistas cujos nomes o público deve decorar, por- que enfileiram hoje entre os melho- res do seu género.

E a Preston Sturges, ao admirável realizador de «A Quimera do Riso», do «Natal em Julho» e do «Barido com Sorte», ficamos devendo mais uma obra cintilante e jovial, na li- nha das melhores que ele tem escrito e realizado. O cinema precisava, de facto, deste revulsivo.

F. F.

Jean Pierre Aumont revive, no cinema, a sua passagem por Lisboa

QUANDO passou por Lisboa, os jornalistas não deram por ele. Jean Pierre Aumont deu no hotel o seu verdadeiro nome — e como estava interessado em que não descobrissem a sua identidade, pôde facilmente manter o incógnito.

Depois de ter feito a guerra em França, num regimento, cuja bandeira foi condecorada com a Cruz de Guerra, o galá do «Lago do Amor» conseguiu sair do seu país, então sob a ocupação alemã, em circunstâncias dramáticas. Dali se- guiu para o norte de África, depois para Lisboa — e, por fim, tomou o avião que o levou à América.

«A Cruz da Lorena» — assim se intitula o filme — é a história desta viagem acidentada. Começa, em 1940, na trágica madrugada da Floresta das Ardenas, para prosseguir no norte de África e em Lisboa — se- gundo informa a publicidade ameri- cana.

Trata-se de um filme patético e realista, onde a fantasia cede o passo à dura realidade.



Jean Pierre Aumont, na figura do oficial francês do filme «A Cruz de Lorena».



As irmãs Meireles no Porto

O «trio» Meireles conseguiu, no Porto, um êxito invulgar. A grande altura brilhou Cidália Meireles, a mais senhora das três amenas-prodígio... No Coliseu do Porto o êxito foi grande e o público não se cansou de o aplaudir. Colaborou em muitas festas de beneficência, chás, saraus, etc. Na foto que aqui publicamos estão as três irmãs Meireles com a senhora Dona Maria do Carmo Fragoço Carmo — esposa do Presidente da República — quando duma festa de beneficência no Parque da Gândara, em Miramar.

«GONGS»

CRÍTICA
INFORMAÇÃO
COMENTÁRIOS

Finalmente temos o Oscar e o Arménio juntos... A festa que se realizou no Trindade, no passado dia 13, teve mais êxito condão! E agora preparem-se, estimados ouvintes, para recomencem a ouvir o «duo da alegria», o Oscar e o Arménio...

* * *

A Rádio Porto tem agora dois locutores: um, Costa, bom locutor de cabine, correcto e sóbrio; outro, Oliveira, de razoável dicção, prejudicada por um pedantismo que nada justifica.

* * *

A festa de Jorge, no Trindade, foi um verdadeiro êxito radiofónico. Mais do que tudo, uma coisa fez êxito: o entendimento perfeito, a ligação do público com o palco e o ar alegre que, de princípio ao fim, se encontrou nessa festa. Não seria este o ponto a focar nos espectáculos radiofónicos que habitualmente se realizam? Uma coisa a lamentar: que a montagem do excerto gravado dessa festa, tivesse focado apenas o que não interessava, baseada no princípio clássico dos programas de Rádio!... Assim, quem viu a festa não a reconheceu na gravação que a E. N. transmitiu nessa mesma noite...

* * *

Estão a ouvir-se com muito agrado e em perfeitas condições técnicas, os programas norte-americanos da Emissora Americana na Europa, na banda dos 500 metros.

Destacamos os programas «Command Performance» e «Hit Parade», além dos das orquestras de Frank Devon, Meyer Davis, André Kostalenetz, Glen Miller, Frankie Masteis, etc.

* * *

A orquestra de Fernando de Carvalho, a antiga orquestra de Vari-

dades da Emissora Nacional, após mais dum ano de inactividade, juntou-se de novo, apenas para um espectáculo.

Os seus componentes estão dispersos mas, vieram todos — dois de Espinho, um da Figueira, outro da Póvoa, dois do Estoril — colaborar num único espectáculo não remunerado. E, sob a direcção de Fernando Carvalho, fizeram o melhor. Como única recompensa, tiveram a maior salva de palmas, uma prova inegável da simpatia com que o público a distingue. Pena é que eles não possam continuar juntos e em constante actividade.

* * *

Pedro Moutinho, actual locutor de melhor conjunto da nossa Rádio, tem marcado bem, ultimamente, as condições natas que possui para os trabalhos radiofónicos. Fazemos votos para que nada impeça a sua permanência ao microfone da E. N., já infelizmente tão desfalcada no sector locução.

EXITOS DA RADIO

IMPOSIBLE
Composição de Murillo

Imposible,
no sé que es tu cariño...
Imposible!
pero dejame amarte
dejame adorar te
en silencio,
en secreto...
Impaciente,
mi alma te añelava...
te esperaba
antes de conocerte,
deseaba tus labios,
presentia tus caricias...
Tus ojos se cruzaron
con los míos...
Un amor de locura
un instante viví!
Imposible,
ya sé que es mi destino,
pero quiero decirte:
te amaré eternamente,
en secreto,
hasta morir.

Cartas dos ouvintes

LUIZA MARIA LAMARES — Pretendia dizer-se que, apenas sob o ponto de vista artístico, há artistas de Rádio. Realmente, isto é, materialmente, não os há. Referia-se ao facto de os artistas de Rádio não terem remuneração suficiente.—Obrigado.

GABRIELA LEMOS (Tomar) — As artistas citadas são dois bons elementos. As suas vozes são do mesmo género. — Impossível citar todos os artistas amadores e profissionais que têm passado pelo microfone da E.N. Na lista que envia há, pelo menos, uns dez, que têm uma colaboração bastante distanciada e insuficiente. Como que fazendo parte do elenco fixo da E. N., pode contar ao todo só uns quinze — é sempre a E. N. No entanto, estes programas são organizados em colaboração com a F. N. A. T.

MARIA DA SILVA (Lisboa) — Orlando Setimelli não está em actividade. Esteve doente e foi operado à garganta. Pode dirigir-se à legação da Itália, onde O. S. é funcionário.

A. REIS (Lisboa) — «Conversa Semanal», programa transmitido por R. C. P., é de Fernando Curado Ribeiro. Vai para o ar todos os domingos, às 12,30. — O sub-título a que se refere é «O ABC do Jazz», uma série de 4 programas. — Mande sempre.

GALANDRINA (Barreiro) — Parabéns pelo que conseguiu saber... — Os artistas da Rádio mandam, quasi todos, fotos. Uns mais, outros menos. Escreva-lhes para a estação onde trabalham. — Conseguir o bilhete que se vende na E. N., a 2\$50. Faça-o com certa antecedência. — Sobre Carmen Dolores nada sabemos.

ALBERTO PAQUETE (Setúbal) — Obrigado pelas suas palavras e pelos seus favores. Faço tenções de continuar, sempre com o mesmo fim, a fazer o melhor que for possível... Pena é que esse melhor nem sempre chegue a ser bom. Mas quem tem telhados de vidro, etc... é um pouco mais modesto do que quem não deve não teme!... E também sei que «só se vê o arguelho no olho do vizinho... Por isso se espera que os vizinhos vejam os meus arguelhos, com a mesma franqueza e isenção de conveniências com que aqui se vêem os deles... — Mande sempre.

NELA, OLHOS VERDES — Obrigado. Nada lhe posso fazer. Aliás, creio que já não ia a tempo.

UMA PEQUENA QUE ADORA A RADIO — A assiduidade dum artista é coisa que está sujeita ao critério da direcção ou da secção competente de cada estação. Há sempre uma razão quando se diminui ou aumenta uma colaboração, mas neste caso não sabemos qual ela seja. Talvez o público, em geral, não tenha correspondido como se esperava... Porque não usa um pseudónimo mais pequeno?

J. P. O. (Cantanhede) — Julgamos que é francês.

A. MOURA (LISBOA) — F. Curado Ribeiro pediu a demissão do cargo de locutor da E. N.

Nota da semana

Qual será a razão?

FAZ sempre pena que um elemento certo da nossa Rádio altere ou perca o seu contacto com o público, por esta ou por aquela razão... A Rádio portuguesa atravessa um período agitado e convulso!

Alguns dos nomes mais conhecidos do nosso público radiofónico deixam a sua actividade, trocam-na, abandonam-na e...

— caso curioso — todos são verdadeiros radiófilos (!), prontos a darem sempre — como deram — o seu melhor esforço, a sua melhor boa-vontade...

Alguns saem da Rádio, chorosos e tristes e nenhum sai porque esteja rico ou doente... Há uma razão qualquer! No fim de contas, o prejuízo é só para o público radiofónico que vai perdendo aqueles predilectos que o ligavam à estação X ou à emissão Y... No final de contas, o prejuízo é também para a nossa Rádio, que perde o público que esses elementos levam consigo...

Recordamos, a propósito, o que lemos, não sabemos onde: «As estações de Rádio valem pelos seus programas e pelos seus funcionários e artistas. O público não é das estações: é dos programas, dos funcionários e dos artistas».

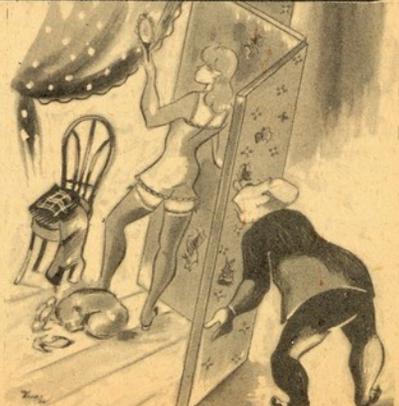
Há uma razão qualquer! Razão que talvez esteja na orgânica da Rádio Portuguesa — uma coisa que ainda não foi tratada a sério...

F. C. R.

★ GRACINHAS ★

Setas pelo ar...

As mentiras da Rádio são como os biombos róticos: não encobrem nada e despertam a curiosidade...



DA GUERRA

A notícia de que o general norte-americano Stilwell tinha sido afastado do comando das tropas aliadas em operações no Extremo-Oriente assumiu aspectos sensacionais.

Os diferentes relatos provenientes da Índia, China e dos círculos oficiais de Washington permitiram-nos reconstituir os acontecimentos que conduziram à existência duma crescente tensão entre os governos dos Estados Unidos e da China, não só no que diz respeito à condução da guerra, mas também no que se refere à política interna do marechal Chang-Kai-Chek.

E, simultaneamente, a revelação oficial de tais divergências serviram para dissipar os boatos, segundo os quais, há mais de um ano, se propalava que Lord Louis Mountbatten e o Governo britânico eram os principais responsáveis pelos fracassos das campanhas levadas a efeito neste teatro de guerra.

Conforme agora se esclarece, quando, em meados de Setembro, o major-general Hurley, na qualidade de representante pessoal do Presidente Roosevelt, e o sr. Donald Nelson, ao tempo presidente da Junta de Produção de Guerra dos Estados Unidos, foram à China conferenciar com Chiang-Kai-Chek, transportavam na sua bagagem diplomática algumas sugestões — certas pessoas temeram em lhes chamar «imposições» — do Presidente norte-americano, nas quais se reflectia a crescente apreensão existente em Washington perante a situação interna da China.

Essas propostas do sr. Roosevelt incluíam os seguintes pontos principais:

1) O general Stilwell, que dias antes tinha sido promovido à mais alta patente do exército norte-americano, deveria ser nomeado «comandante-chefe de todas as forças chinesas e americanas».

2) Deveria, ainda, controlar a distribuição do material fornecido à China de acordo com a Lei de Empréstimo e Arrendamento.

3) E, por último, deveria superintender à completa reorganização dos exércitos chineses, a qual seria levada a efeito, em particular, juntamente com a unificação dos exércitos governamentais e comunistas.

Algumas fontes de informação insistiram também em afirmar que o Presidente sugerira igualmente a reorganização do gabinete de Chiang-Kai-Chek. No entanto, este ponto não está devidamente esclarecido.

Para todos os efeitos, a verdade é que para um país sentir a necessidade de propor sugestões tão revolucionárias a um aliado, os motivos de semelhante atitude deviam ser bastante fortes e, em face do estado especial de relações existente entre os Estados Unidos e a China, tudo indicava que Chiang-Kai-Chek as aceitaria sem reservas, tanto mais que o facto da China ter sido reconhecida como uma das «Quatro Grandes Potências Mundiais» ser resultante dos



Chiang-Kai-Chek no seu gabinete de trabalho

O CONFLITO ENTRE CHIANG-KAI-CHEK E STILWELL

insistentes pedidos feitos pelo Governo dos Estados Unidos à Grã-Bretanha e à Rússia.

Porém, contra toda a expectativa, logo a seguir à apresentação das propostas americanas registavam-se algumas cenas tempestuosas e, por fim, Chiang-Kai-Chek, embora se recusasse terminantemente a introduzir alterações no seu gabinete, decidiu aceitar as condições de carácter militar.

Durante essas discussões, o argumento utilizado com mais eficácia para persuadir o generalíssimo chinês a aceitar os conselhos americanos foi a afirmação de que só um comandante-chefe estrangeiro poderia unificar as forças governamentais e comunistas, visto que estas últimas se recusavam a obedecer ao marechal.

Todavia, quando o general Stilwell começou a pôr em execução o plano de reorganização do esforço bélico da China, em breve se levantava entre os dois homens uma série de atritos irreconciliáveis.

Tal estado de coisas foi de mal a pior, até que, em meados de Outubro, Chiang-Kai-Chek enviou ao sr. Roosevelt uma mensagem em que, irritada e indignadamente, exigia o afastamento do general Stilwell. Queixava-se o marechal que o general americano desobedecera às ordens dele, Chefe do Estado da China, ao dar início à campanha da Birmânia Superior, e era responsável pela perda das bases aéreas americanas instaladas em território chinês, em virtude de ter guardado grandes quantidades de abastecimentos para uso próprio em vez de os ter distribuído pelos exércitos chineses.

O presidente Roosevelt, embora se recusasse a tomar em consideração as acusações feitas contra Stilwell, concordou com o seu afastamento e esclareceu o marechal chinês que a partir desse momento a responsabilidade da reorganização do esforço bélico da China recaía sobre o próprio Chiang-Kai-Chek.

Ao tomar conhecimento deste conflito, a Imprensa americana desencadeou violentíssimos ataques contra o Governo Central Chinês, e um correspondente do «New-York Times», recém-chegado do Extremo-Oriente, descreveu o governo de Chiang-Kai-Chek como sendo formado por «um bando de reaccionários em plena velhice, cuja administração estava repleta de corrupção e ineficiências».

E, mais adiante, o mesmo jornalista afirmava que o regresso do general Stilwell aos Estados Unidos significava, virtualmente, que a grande república norte-americana estava preparada para combater o Japão sem o auxílio das forças chinesas.

Pode muito bem acontecer que o Alto Comando aliado, dispondo como dispõe de informações que não vêem a público, tenha já feito um grande desconto ao valor do auxílio chinês, tanto mais que a reconquista do arquipélago das Filipinas, uma vez terminada, conduzirá as forças americanas para uma distância do Japão igual à que estas estão agora das províncias ocidentais da China e, segundo todas as probabilidades, parece ser indubitável que os Estados Unidos e a Grã-Bretanha estão em condições de, sôzinhos, derrotar o Império nipónico.

JOSÉ CORREIA RIBEIRO (Sobrinho)



Stilwell, o general americano que se incompatibilizou com o generalíssimo chinês



O Bibi tem sede!

PARA os que dizem que os animais não têm inteligência, mas unicamente instinto, deve ser interessante saber que, no Canadá, existe um animalzinho, como mostra a fotografia, que dá pelo nome familiar de sr. Bibi.

Ora o Bibi, ou antes, o sr. Bibi vive num matagal próximo da fazenda do missionário Blok. Todas as tardes, às três e às seis horas, a criada do missionário rega com uma mangueira, um pequeno jardim em frente da casa. E viram, ela e o missionário, esta coisa estranha: que o senhor Bibi, depois de terminada a rega, vem pé ante pé, muito cauteloso, colocar-se debaixo do cano onde se liga a mangueira, abre a boquinha e solve, quisquoso, os pingos de água que ficam a cair.

Todas as tentativas para apanhar o Bibi têm sido inúteis. Um dia, a criada não regou o jardim. Pois o Bibi, não se sabe como, conseguiu, com as patas e os dentes abrir um pouco a torneira e matar a sede. Não será isto uma prova de inteligência?...

Que confusão!

AGORA, na América, um erro dos correios veio provar que existiam na cidade de Dêtroit, nada menos do que 42 pessoas que tinham o nome de John F. R. Smith.

Foi o caso que se recebeu uma encomenda registada dirigida a este senhor. O correio entregou-a a um morador da Rua Hamilton, porta 27, um salchicheiro. Aberta a encomenda, que não tinha nome de remetente, viu-se que trazia dentro uns óculos. O senhor John F. R. Smith N.º 1, disse ao correio que a encomenda não era para ele, pois que não tinha falta de vista nem encomendara óculos a ninguém. O mesmo aconteceu com mais dois senhores que também se chamavam John F. R. Smith.

Intrigada com tanta confusão e desejo de fazer chegar a encomenda a seu destino, a Administração dos Correios de Dêtroit publicou um anúncio dizendo que entregaria os óculos a quem provasse pertencer. Pois apareceram mais 39 John F. R. Smith, o que, com os outros três, vem dar a soma de 42. O mais curioso de tudo é que nenhum desses John F. R. Smith declararam estar interessados nos óculos...

COCKTAIL

QUANDO O VETERINARIO VAI AO JARDIM ZOOLOGICO...

ISTO de se ser veterinário de um Jardim Zoológico tem qualquer coisa que se diga. Ao contrário do veterinário habitual, que tem de se haver com cavalos ou com cães e gatos — tudo «gente» pacífica — o «médico dos bichos» de um Jardim Zoológico tem de ser um homem inventivo, apto a todas as circunstâncias, ágil, resoluto e exactamente o contrário de medroso. Os cavalos, os cães e mesmo os gatos são doentes dotados de paciência e até de uma certa compreensão.

Por exemplo: como se narcotiza um leão ou um tigre? Antigamente, tal operação era coisa complicada, pois, devido à grande quantidade de narcótico empregado, a maior parte do pessoal clínico adormecia antes do próprio leão.

Hoje, porém, administra-se ao leão doente, um anestésico dado por meio de uma injeção debaixo da pele.

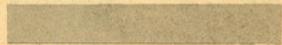
Parece fácil, não? Porque não experimentar, pois, dar uma injeção no rei dos animais, doente e mal-humorado?

O pobre do veterinário deve possuir, para isto, uma agilidade que faria inveja a um toureiro. O leão é distraído pelo guarda e a injeção tem de ser aplicada fulminantemente na pata posterior.

Os macacos, chimpanzés, orangotangos e gazelas são, ainda, mais difíceis de tratar. Somente os seus filhos, quando jovens, possuem confiança naquêles que os tratam e parecem ter, como os animais domésticos, uma certa sensação de que é destinada a seu bem qualquer coisa desagradável causada pelo veterinário, como seja um medicamento de mau sabor, uma pequena picada ou um pequeno corte doloroso.

A maior causa das moléstias dos animais do Jardim Zoológico é devida a indisposições no estômago. A causa não vai na alimentação, mas sim na incompreensão dos visitantes. Ainda não há muito tempo, um avestruz tinha engulido uma porca de parafuso que lhe tinha sido dada por maldade, e um elefante morreu porque lhe deram um bólo envenenado. Se o próprio papagaio arranca as penas, a causa deve estar no estômago.

De todos os animais, o que se mostra mais grato pelos tratamentos à sua doença é o elefante. Mas... só depois de se encontrar curado, porque, antes, é um dos mais difíceis clientes do «doutor dos bichos»...



UM SONHO DE NAPOLEÃO Realizado!

COM o desembarque de forças inglesas e americanas em praias de França, realizou-se o grande sonho de Napoleão Bonaparte, mas em sentido inverso...

Levado pela sua política contra a Inglaterra e para vencer a fatalidade que o havia de fazer, mais tarde, morrer prisioneiro dos ingleses, Bonaparte projectou um ataque à Ilha Britânica, confiando que a vitória que acompanhava os seus exércitos no Continente era suficiente para vencer todos os obstáculos naturais e levar a guerra ao outro lado do Canal da Mancha.

Mas a empresa era difícil. Napoleão hesitava, enquanto os seus conselheiros lhe apresentavam os planos de invasão.

Tornou-se célebre, agora, um deles, em que o almejado ataque às ilhas britânicas era feito por meio de balões aerostáticos, barcos de diversos calados e ainda um túnel subterrâneo que permitia uma marcha fácil a todo um exército, com infantaria, cavalaria e artilharia. Esse túnel ligaria Bolonha às imediações de Folkertone.

O plano previa, só em Bolonha, a construção de trinta e seis «barcos de canhões» e cento e cinquenta e dois barcos de cobertura corrida. Todavia, Napoleão achou a empresa arriscada de mais e desistiu, tal como Hitler. Cento e quarenta e um anos mais tarde, os anglo-americanos invadem a França pelo ar e pelo mar, tal como no plano de Napoleão. O túnel subterrâneo, difícil de executar e extremamente moroso na sua construção, não foi necessário. A invasão sonhada por Bonaparte fez-se de igual forma — e fez bem.

Nestas duas fotos vêem-se Napoleão numa praia de Bolonha, em 1803, inspecionando a construção dos barcos, na outra, o plano da invasão. Num lado a França, no outro a Inglaterra. Ao mesmo tempo que os barcos e os balões se aproximam, o exército de terra segue debaixo do mar, pelo túnel.



PÁGINA DAS UTILIDADES



FÁBRICA PORTUGAL



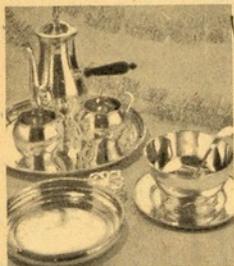
CRISTAIS
CUTELARIAS
PORCELANAS
ALUMÍNIO
LOUÇA ESMALTADA

SALÕES DE VENDA:

RUA FEBO MONIZ, 2-2,
Pr. RESTAURADORES, 40-37
AVENIDA DA REPUBLICA, 87
RUA DA GRAÇA, 82-84

TELEFONES
47157-8-9
2 4948 + 41189 + 49109

L I S B O A



OURIVESARIA
DA
GUIA

FUNDADA EM 1875

APRESENTA NOS SEUS
ESTABELECIMENTOS
O MELHOR E MAIS VARIADO
SORTIDO EM
JOIAS // OURO
PRATA // RELOGIOS

RUA MARTIM MONIZ, 2-10
RUA DA MOURARIA, 7-11
LISBOA - TELEFONE 2 8336

O VALOR DE QUALQUER DESENHO EM PRETO OU COLORIDO AUMENTA SE UTILIZAR OS LÁPIS DA MARCA

Caran d'Ache

REPRESENTANTES
GERAIS
DUNKEL & ANTUNES, L.^{da}
R. AUGUSTA, 56-1.^o
TELEFONE 2 4251
* LISBOA *



MODERNIZE A SUA CASA DE BANHO
COM UMA INSTALAÇÃO DA FIRMA

Mármore Sousa Batista, L.^{da}

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 30
LISBOA - TELEFONE 2 7643

PEÇA NA SUA PAPELARIA OS PRODUTOS
"HORUS" TINTAS PARA
ESCREVER, COLAS,
LACRE E PAPEIS
QUÍMICOS



MOISES & REIS, L.^{da}

FABRICAS: TRAV. DAS ÁGUAS BOAS, 11
TELEFONE 2 0-497
RUA FÁBRICA DA POLVORA, 22-B
TELEFONE 2 1-491
LISBOA

As mais lindas
coleções de bordados em linho,
organdi e tule
na

CASA REGIONAL
ILHA VERDE
R. PAIVA ANDRADE, 4
(AO CHIADO)
TELEF. 2 0974 - LISBOA



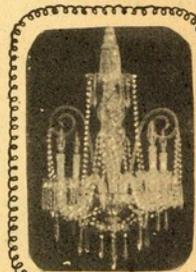
Fogões a gaz com forno circular Fogareiros e fogões a lenha ou a carvão Artigos económicos e de boa construção

A pronto e com facilidades de pagamento

J. Costa & Silva, L.^{da}

RUA ARCO BANDEIRA, 79-1.^o
LISBOA - TELEFONE 2 6713

OS LUSTRES PARA AS DECORAÇÕES
DE BOM GOSTO



Apliques, castiçais e candeeiros de mesa

J. R. DE BRITO
FABRICANTE
RUA LUÍZA TODI, 2
À RUA DE D. PEDRO V

TELEF. 2 0497 - LISBOA

ANTES DE FAZER AS SUAS COMPRAS CONSULTE ESTA PÁGINA



O riso tem de ser a distração das pessoas tristes. As pessoas alegres não precisam de se rir...



Não é com a sabedoria que se atraem os tólos: é com a tolice.



A Verdade é nua, diz-se. Mas se a Verdade se apresentasse, nua, diante da Sociedade — prendiam-na!



Na vida, meus amigos, perguntem muito — mas respondam pouco.



O bom é mau junto do óptimo e óptimo junto do péssimo.



Jejuia durante a digestão.



Cuidado com o cão que fala — e com o homem que ladra.



Não paguem cedo, nem tarde.



A vida tem só uma porta: é por ela que a morte entra.



Quem tiver uma pneumonia inveterada os que têm uma simples constipação.



Na cadeia, nem com grades de ouro.



Vale a lei aquilo que quer o Rei e não aquilo que deseja a grei.



(Caricatura de Santana)

UM MESTRE DO ADJECTIVO

ESTE Artur Portela, baixo, gordinho, redondo, com uns óculos do tamanho d'ele, nasceu, há vinte e tantos anos, no «Diário de Lisboa». Ali cresceu — se me é permitido empregar esta expressão; ali constituiu o seu lar literário; e ali tem tido a quasi totalidade dos seus filhos espirituais, isto é, artigos e crónicas. Talento não lhe falta; actividade também não. Escreve sempre. Escreve a todas as horas. A mesa da redacção ou sobre o joelho; em volta duma chicara de chá ou saboreando um «whisky», dêem-lhe papel e tinta — que idéias as dará ele! Tem um culto: o adjectivo. O adjectivo é a sua flôr. O seu jardim de adjectivos constitue mesmo um dos mais viçosos e pitores-

cos recantos deste grande jardim da Europa, que é Portugal. As suas entrevistas, as suas reportagens, as suas impressões literárias são, no fundo, «bouquets» adjectivados. Um dia, ali, na «Pastelaria Trevo», ao Camões, onde ele — ele e Camões — são certos, todas as tardes, ouvimos-lhe dizer: «Levem-me tudo, a manteiga, o açúcar, o arroz, o azeite, o carvão, — mas não me levem o adjectivo, que eu sem ele não me governo». O seu apêlo tem sido ouvido. Não há ninguém que lhe não ofereça adjectivos. Eu próprio daqui lhe mando agora um cesto d'elles — com um abraço pirilampante, egocêntrico, arturiente e infinitamente portelado.

A idade do amor

NUMA risonha e pacata povoação do concelho de Tôrres Vedras, Ponte do Rol, realizou-se, há pouco, um casamento em circunstâncias que não são vulgares: a noiva tinha quinze anos — e o noivo setenta e oito. Quere dizer: entre o noivo e a noiva contavam-se, além dontras diferenças, nada mais nada menos do que sessenta e três anos. Apesar disso, ou talvez por isso mesmo, a bodá constituiu um grande acontecimento, tendo estralado, durante ele, inúmeras girândolas de foguetes.

Não faltará quem diga que um enlace feito nas condições expostas terá obedecido porventura a razões mais de ordem material do que de ordem sentimental. É possível que assim seja. Mas porque o amor não escolhe idades, quem nos dirá a nós que aquêles dois entes se não amam de facto — indifferentes ao abismo aritmético que os separa! A idade do amor ou, talvez com mais nitidez, a idade dos amorosos é, em regra, a dos vinte anos. A verdade, porém, é que no amor — já o notára Francis de Croisset — não há uma regra geral, mas tão somente excepções. «Chacun de nous aime autrement que tout le monde, du moins il le croit». Não me repugna aceitar que aquêles casamento celebrado, nos subúrbios de Tôrres, tenha sido um casamento de amor. Simplesmente Cupido disfarça-se nas máscaras mais impdevistas para atingir os seus fins. Não há maiores surpresas do que na política amorosa. Estamos daqui a ouvir aquela Julieta de quinze anos responder ao seu Romeu de setenta e oito que lhe pergunta num alvoroço: «Gostas de mim, meu amor?» — Muito, avôzinho!



Quando chover a cântaros, não escolham a porta para se abrigarem.



No amor, os que vencem são os verdadeiros derrotados.



Na Justiça, a linha recta; na Política — a linha curva.



Para combinação de cetim, — cuecas de seda.



A grande força das mulheres reside na sua fragilidade.



A infidelidade do homem dá a comédia; a infidelidade da mulher — dá o drama.



O juro é a flôr do capital.



A melhor caricatura é o próprio retrato.



Diz-se, que há pais muito infelizes com os filhos. Pois também há filhos muito infelizes com os pais!

IN FINE VERITAS

Não peça a sorte...
... peça
Niepoort

DOCUMENTÁRIO



BRASIL

Lawrence Duggan, que se vê na foto, é o assistente diplomático para a United Nations Relief and Rehabilitation Administration e regressou, há pouco do Brasil, onde conferenciou com o dr. Eduardo Santos, chefe dos serviços da UNRRA nos países da América latina — ou seja: México, América Central e do Sul. O Brasil, segundo ficou decidido nas conferências realizadas, passará a ter uma função activa nos trabalhos da UNRRA.

ESTADOS UNIDOS

Conferência Aérea da Aviação Civil

COMO os jornais noticiaram, os delegados dos países convidados para a Conferência Aérea da Aviação Civil, em Chicago, resolveram adiar as suas resoluções para ocasião mais oportuna. Eis, em duas linhas, o enunciado do programa inicialmente proposto: estabelecimento de redes internacionais civis; estudo da estrutura económica e técnica da aviação de transporte, para depois da guerra; revisão da convenção internacional da aviação civil de 1919 (C. I. N. A.) e, enfim, designação de um conselho provisório que, a partir do fim das hostilidades, se tornasse o organismo permanente da Navegação Aérea Civil Internacional e que substituiria a actual Associação Internacional do Tráfego Aéreo.

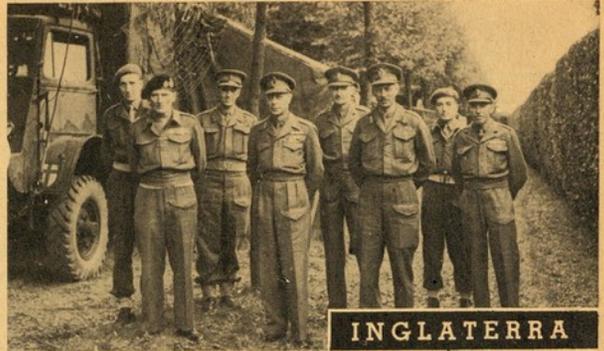
As divergências ou, antes, os interesses em jogo, não consentiram, porém, que fosse tomada qualquer resolução — o que, aliás, não é de estranhar, pois, já antes da conferência, em trabalhos preliminares, essas posições haviam sido assinaladas. Assim, enquanto a Rússia — que, afinal, não tomou assento na conferência — pretendia manter o princípio da soberania aérea nacional, tal como a há estabelecido a C. I. N. A., e em que cada um fazia o que melhor lhe conviesse, a Inglaterra defendia o princípio de uma só companhia por país, com a internacionalização de transportes aéreos estendidos até ao controlo... das indústrias aeronáuticas. Por seu lado, os Estados Unidos defendiam o princípio da liberdade absoluta. Mas a

Pan American Airways, que antes da guerra beneficiava nos E. U. de um monopólio de facto, nas relações internacionais, maneja a sua política no sentido de conservar a sua posição.

Perante tantos interesses em jogo seria difícil recusar a ideia de um adiamento de soluções?

PALESTINA

○ assassínio de Lord Moyn, no Cairo, segundo se disse pelos judeus da Palestina, trouxe este país para um primeiro plano da guerra. A foto dá-nos o aeroporto de Lydda com a sua torre de controlo, última palavra em matéria de navegação aérea.



INGLATERRA

JORGE VI visitou, há pouco, a frente aliada que está a operar na Holanda, sob o comando do marechal Montgomery. Durante a visita, Sua Majestade esteve no quartel-general do 2.º exército e recebeu os cumprimentos do general Dempsey, que se vê na foto ao lado do marechal Montgomery, «sir» Lascelles e «sir» Piers Legh. Durante os cinco dias que Jorge VI esteve no continente, Sua Majestade visitou também a Bélgica, sendo muito ovacionado pela população militar e civil dos dois países, não obstante ter viajado incógnito.



O general Mark Clark, comandante do 5.º exército aliado, em acção na frente italiana, tem como secretária uma sargenta do Women's Army Corps. As forças do general Clark, que presentemente estão em relativa calma, preparam-se para novas operações de envergadura.



ITÁLIA

De vez em quando, ainda se fala do «Duce», da sua actividade, relegada para um segundo plano da guerra e da política. Aqui o vemos entregando o comando da divisão italiana «Monte Rosa», que recebeu instrução militar sob a direcção alemã, ao general italiano Carlomi.

AMÉRICA

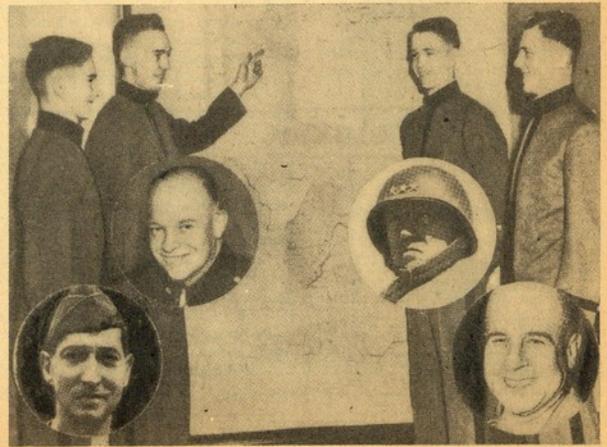
FILHOS DE PEIXE!

○ S filhos, em geral, são a imagem dos pais: no corpo e nas ideias, no sentimento e nas predilecções. E por isso que as profissões se transmitem de pais para filhos como uma herança secular formando escol de gerações seguidas.

A carreira das armas é, sem dúvida, das mais transmissíveis profissões. E, assim, na América, podem ver-se, na West Point Military Academy, os filhos dos mais bravos generais desta guerra.

Vejam esta foto — da esquerda para a direita: William Clark e, em baixo, seu pai, o comandante do 5.º exército americano; John Eisenhower, filho do chefe da invasão da Europa; George Patton, filho do general que vai à frente das tropas invasoras, na França e, a seguir, o filho de John Doolittle, chefe do 8.º exército.

Filhos de tão grandes chefes, vê-los-emos no dia gloriosos!



OS LIVROS DO MOMENTO

GOMES MONTEIRO
VENCIDOS DA VIDA



EDIÇÃO ROMANO TORRES

«VENCIDOS DA VIDA», é um livro do notável escritor Gomes Monteiro e foi cuidadosamente editado por ROMANO TORRES

CHARLES OULMONT



Colectão «Romances Celebres»

«O ardente combate, a surda e deliciosa guerra de Adão e Eva estão no fundo de todas as tragédias, nas páginas de todos os romances. Essa luta enche todos os poemas desde que há homens que sofrem».

«ADÃO E EVA» é um livro de Charles Oulmont e foi editado por EDITORIAL GLEBA.



Gino Saviotti, com a eloquência do seu saber e da sua arte, deu-nos um livro primoroso no romance «SANTO ANTÓNIO». A edição é da PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA.

LETRAS DE VALOR

O mistério que se havia erguido à volta de «Rosarika e outros amores», um belo livro de versos de um autor que parece ocultar-se sob o pseudónimo de Jorge de Miramar, começa a levantar uma pontinha do seu véu. E já se diz que o seu autor anda, como nós, pelo Chiado, toma chá na Benard e assiste às «premiéres» do Nacional... Será assim? Só falta agora saber se, para descartar a verdadeira personalidade de Jorge de Miramar — personalidade em carne e osso, claro, porque a poética está expressa nos versos de Rosarika e de outros amores... — precisamos de pôr óculos, binóculos ou... monóculo...

— Ribeiro Couto é um incansável trabalhador das letras. Agora mesmo tem ele em mãos três trabalhos — um dos quais feito de colaboração com Casais Monteiro. Não se pode dizer que os «Dias longos» de Ribeiro Couto sejam, de facto, dias curtos...

FAÇA DE PAPEL

«Aventuras de Robinson Crusó» é o título de um novo volumezinho de Henrique Marques Júnior, destinado às crianças portuguesas. A «Colectão Manecas», da editorial Romano Torres, e que é dirigida por Marques Júnior, tem ultimamente prestado um assinalável serviço à cultura infantil, fornecendo-lhe, de um modo acessível à sua compreensão, algumas obras da tradição literária e base da cultura de um povo. Este novo volume, muito bem ilustrado por Amorim, merece a atenção de quem tem por missão cuidar da educação das crianças portuguesas.

* O sr. Joaquim Roque da Fonseca acaba de editar «Rosa Araújo, o comerciante, o filantropo, o edis, e que constituiu a conferência feita pelo autor, por ocasião do 50.º aniversário do falecimento daquele notável presidente da Câmara Municipal de Lisboa. (Edição do autor).

LITERATURA



UMA HOMENAGEM A SINTRA

Charles Oulmont não é só um escritor de guerra. É também um poeta. Além, a sua prosa — os seus romances, que são belas galerias de tipos femininos, principalmente — acusa esse mesmo conteúdo poético. O poema que aqui reproduzimos, em francês, é tirado do livro «Message Personnel», bela colectânea de versos, quasi todos dedicados a Portugal e que apareceu recentemente ao público.

«Vert» é um poema dedicado a Sintra e vai ser colocado, como a maquete de José da Fonseca mostra, em azulejos verdes, no Palácio Valmor, de Sintra, onde está instalado o museu daquela villa. A cerimónia da colocação dos azulejos terá a tocante simplicidade que a gentileza do poeta e do artista podem esperar dos sintrenses, belos espiritos dados às coisas de arte e ao progresso da sua linda terra.

UMA HISTÓRIA EM TRÊS TEMPOS

1.º TEMPO:

Ela entra na Pastelaria e o criado aproxima-se para perguntar, num ar discreto:

— Deseja esperar, «Mademoiselle»?
Certamente, aquela pergunta tem um ar de conivente que agrada e desagrada. Ana Maria sabe muito bem que é elegante chegar e encontrar o gesto cheio de deferências dos criados. São caras conhecidas que têm ares de importantes senhoras para senhoras importantes. Mas é desagradável aquela conivência dos criados, uma inscúcia barata no perfume caro dos seus amores. Caro? Caríssimo! O José Pedro pagou há dois dias vinte e seis contos na modista. O casaco, só por si, levou vinte contos e não era nada por aí além...

«Mademoiselle» tira um cigarro que bate na ponta da unha rósea. Dir-se-ia uma inglesa que fuma. Tem «charmes», tem um arzinho provocante que atrai... Mas são já deztoito e trinta e o José Pedro vem sempre às seis em ponto. Não, o «flsots» metido na sua concha de ouro e brilhantes, não a engana. Quem a pode enganar é o José Pedro. Há uns tempos a esta parte que ele anda com uns modos esquisitos. Talvez esteja gasto... Realmente, as contas da modista, as mesadas, os extraordinários, tudo isso são coisas pesadas. Mas o José Pedro é director de Banco, tem uma velha esposa que não faz despesas, os filhos estão criados, para que há-de ele querer tantos contos de há-de?

2.º TEMPO:

Acabou-se o cigarro. Ana Maria repara que o criado a olha com o ar inocente de quem diz:

— Ele hoje demora-se, «Mademoiselle»!

Certamente, há mais olhos que deram pela sua ausência. Não é impunemente que uma rapariga elegante se senta a uma mesa de chá e fica à espera...

Ana Maria agita-se e sente até, lá por dentro, uma raiva surda, contra esse velho de colarinhos engomados, as guias do bigode branco a meterem-se pela chávena de chá... Ah! ele está a fazê-la passar um mau bocado, um mau momento! Sente-se ridícula, vexada, à espera de alguém que não vem, sente-se, enfim, ludibriada por esse velho gébo...

Oh! que vontade ela tem de lhe fazer uma partida!

Ana Maria vai para puxar de outro cigarro, mas faz um sinal ao criado. Ele vem. O indiscreto atrevido tem ainda aquele ar compungido de quem lhe diz:

— Góttadinha, ele deixou-a só...
E é com raiva, uma raiva enorme, que ela pede um chá. Certamente, o José Pedro não virá hoje. No dia seguinte, há-de vir maço-la com as queixas do figado, com as queixas da sua vida particular... Ah! mas ele há-de pagar caro, porque ela tem um desejo louco de se vingar do vexame por que acaba de passar, ali no meio daquela gente, na frente do criado, diante daquele sujeito que a olha, desde o princípio, lá do fundo da última mesa...

3.º TEMPO:

Sim, Ana Maria reparou. Por três vezes, também, ele tirou o relógio. Esperará alguém? Está só, toma chá e torradas com o ar triste de quem não tem companhia ou de quem foi abandonado. Há bocado, ela bem percebeu. Parecia que os seus olhos diziam:

— Tu que esperas por quem não vem, e eu que não espero ninguém...

Realmente, seria uma solução, juntarem-se na mesma mesa, afogarem o seu desapontamento no mesmo bule de chá...

Os bolinhos de chocolate enroldam-se na boca de Ana Maria... O chá sabe-lhe mal e o criado, compreensivo, pede desculpa. Ela paga e retira-se lentamente. Sente que os olhos de todos se lhe colam ao corpo e aos vestidos...

E noite fechada. Lisboa burguesa regressa a casa para o jantar. Sem itinerário, só os paraís da Avenida esvoaçam. Ana Maria também não tem rumo. Não sabe o que há-de fazer, nem mesmo se há-de telefonar ao José Pedro... Já fez duas vezes sinal aos «fixis» que passavam mas nenhum parou...

Enfim, tão devagarinho, este que passa... Ana Maria faz sinal. O carro pára e ela sobe. A portinhola fecha-se com força, o auto sobe a Avenida e ela deixa-se levar... Lá em cima, em 28 de Maio, como que acorda... E começa a sua aventura de uma noite, porque tem agora nitidez o sonho que a embala. É ele, aquele homem que a fitava lá do fundo, que estava só na Pastelaria e parecia convidá-la para quebrar a sua solidão...

As últimas notícias vêm-lhe pelos jornais do dia seguinte. O José Pedro, afinal, foi sempre um bom e leal protector. Se não tivesse aparecido morto, debruçado na mesa de trabalho, com certeza teria ido ao chá. Pagou-lhe as contas todas, Deus sabe à custa de quem e, agora, andam a falar da sua ruína...

LUCIENNE DE LATTOUR
(Adaptação de J. M.)

O valor da coligação

PARECE poder dizer-se que as preocupações da guerra, em si mesmo, cederam em grande parte o passo às preocupações da sua liquidação e ao futuro próximo que se lhe há-de seguir. Alguns dos últimos discursos do Primeiro Ministro britânico traduzem-se, inquestionavelmente, por uma série de apreensões em que se sente o «interno» sobrelevar o «externo». O mesmo será verdade quando se ouvir Roosevelt ou quando se ouvir De Gaulle. Tudo o que circula, neste momento, por esse mundo fora, como razão principal de preocupação, mais se prende, em boa verdade, com os domínios da política interior do que com a linha geral da condução da guerra, embora, evidentemente, ainda tenham supremacia os problemas daquele domínio que entram em relação com os deste último e dele sejam dependentes. Vimos, assim, Winston Churchill preocupado com a oportunidade de se discutir a sobrevivência da coligação partidária que, sob a sua égide genial, se formou em Maio de 1940 para erguer a Inglaterra da beira das mais negras dificuldades da sua história até ao vértice a que já hoje pôde ascender; vimos Roosevelt circular numa «tourné» de conferências — da qual um dos objectivos era o de, perante o eleitorado, fazer exhibição do seu vigor físico; vimos De Gaulle a contos com as primeiras dificuldades de manter a frente interna, abalada já, após os compreensíveis entusiasmos da primeira hora, pela afirmação de uma variedade de concepções, todas igualmente seguras do direito de se fazer ouvir e de se fazer valer.

Este duplo fenómeno de agrupar e repartir influências, esforços, vontades, valores é compreensivelmente sincrónico da evolução das crises: na hora do perigo, todos os pintos acodem a abrigar-se sob a asa protectora da galinha-mestra; quando o temporal passa, cada um sente o seu instinto de retomar a possibilidade de seguir sozinho pelo caminho que mais lhe agrada ou convém. Como sucede que muitas vezes o mesmo caminho é desejado por mais que um caminhante, sucede também, com a mesma frequência, as colisões aparecerem com certo ar de coisas inevitáveis. É, dir-se-á, um problema de «trânsito». Esta será, afinal, uma tarefa de paz, numa altura em que muitos dirigentes procedem sob a convicção, umas vezes afirmada, outras posta em dúvida, de que tem os seus dias contados a contenda aberta em Setembro de 1939. Tudo depende, afinal, de saber até onde vai a capacidade de resistência dos povos, pois que é manifesta, a par do afã com que se travam ainda as grandes batalhas, a sensação de fadiga, não diremos só dos exércitos, mas dos povos, dos que se batem e dos que sofrem sem se bater, dos que sofrem por si e dos que sofrem pelo sofrimento alheio. Na verdade, a capacidade de dor e de esforço tem limite — e foi Mussolini quem estabeleceu a metáfora do cabo de aço e do cabo de linho: o primeiro, se é realmente mais resistente, porque lhe falta a elasticidade, aguenta enquanto pode, mas quebra-se de repente...

Parece, entretanto, ser coisa já hoje para se considerar fora de dúvida que a guerra só tomou característica de conflagração geral na sua fase intermediária: começou na Europa — guerra com a Alemanha — e alastrou ao Oriente — guerra com o Japão. Ao tempo em que, tendo na sua frente o poderoso adversário alemão, a Rússia procurava — como a própria Alemanha o tinha procurado também — evitar a dificuldade de se bater em duas frentes, mantiveram-se em estado de expectativa as relações de Moscovo com Tóquio. As últimas declarações produzidas pelo chefe político do Kremlin provocaram, entretanto, principalmente nos Estados Unidos, uma sensação de surpresa, pois, pela primeira vez, Moscovo não hesitou em incluir o Japão na lista das potências responsáveis por agressões, donde se extrairam conclusões no sentido de que entre os dois países pode vir a ser alterado o actual estado de relações diplomáticas.

Da? Que a parte europeia da guerra pode estar, efectivamente, a poucos meses de liquidação, e que para resolver a parte asiática pode ser mantida a funcionar, por inteiro, a coligação das Nações Unidas, sem necessidade de ser excluída qualquer delas. A distância do tempo, não é já possível manter dúvidas sobre o efeito da estratégia de coligação estabelecida entre os signatários dos planos de Teherão, que não foram simples afirmações de princípios meramente platónicos, mas que foram postos a funcionar com a precisão de um aparelho de relojoaria. Poderá o mesmo acordar vir a manter-se para a fase final da guerra — isto é, para reduzir a resistência nipónica?

Se assim for, então poder-se-á admitir, finalmente, que a coligação que fez a guerra terá autoridade e prudência bastantes para fazer e organizar a paz.



Os operários-músicos dos estaleiros de uma companhia de Brunswick, na Georgia, estão a ensaiar um número que apresentarão numa competição com outro agrupamento artístico.



Mesmo antes dos E. U. estarem em guerra, já o maestro-compositor Christos Vrionides — natural de Creta e naturalizado americano — introduziu a música na indústria, certo de um aumento de produção.

AMÉRICA

A música nas indústrias de guerra

A música é uma arma de guerra. A História o disse e os actuais chefes militares assim o confirmam. Porém, a sua aplicação como arma de guerra — isso constitui uma descoberta do mundo moderno. Na indústria americana — é o compositor e maestro Christos Vrionides quem o diz — provou ser uma arma na frente interna. De facto, recentemente, um inquérito levou à conclusão de que 87 por cento das fábricas americanas verificaram que a música elevou o moral dos seus operários, ao passo que 57 por cento registou, mesmo, um aumento de produção «por motivos musicais».

De que forma, pois, é ministrado esse poderoso acelerador humano? Os americanos dividem a receita em duas fórmulas: a música oferecida aos trabalhadores durante as refeições e o trabalho, e a música em que participam os próprios operários nas horas vagas.

A rádio, a música transmitida pelos discos através de alto-falantes e, ainda, os agrupamentos musicais, formados por trabalhadores e que se exibem, depois, em festas públicas ou particulares e, até, em competições com outros agrupamentos — são o grande agente de produção material.

Nos programas — previamente aprovados pelas gerências e pelos operários — figuram, principalmente, valsas de Strauss, ao passo que as músicas de «jazz» são em geral repudiadas porque «desorganizam» o ritmo do trabalho. Como nota curiosa, cita-se ainda, que as marchas militares são escolhidas para o fecho do trabalho, e que as músicas patriotas influem na marcha do trabalho da melhor forma.

É o estudo da psicologia colectiva que dita estas pequenas maravilhas, não é verdade?

À maneira de Júlio Verne

FRANÇA

Vida e morte de uma cidade subterrânea para Goering!

NUMA bela manhã de 1941, os viajantes que, na «gare» do Norte pediram um bilhete que os levasse à beira-mar, foram subitamente informados:

— Estão suspensas as viagens...

— Por quanto tempo?

— Não se sabe!

A pequena linha Paris-Méru-Beauvais-Le Trepot estava proibida às populações civis. E sabia-se, pouco depois, que, em Coudray-sur-Thelle, outra parte da população civil francesa acabava de ser evacuada.

Por baixo dessa pequena aldeia, que contaria pouco mais de cem habitantes, passa um túnel de dois quilómetros de comprimento e, às vezes, com 250 metros de largura. Coudray a 233 metros de altitude, constitui um maravilhoso pósto de observação e é, mesmo, um dos pontos mais elevados dos arredores parisienses.

Que se passava, pois?

A «polícia» civil pôs-se em campo, fez pesquisas por sua conta e bem depressa soube que os alemães da Todt, que haviam principiado por estender arame farpado sobre um círculo de uma dezena de quilómetros, englobando campos e parte da floresta, estavam a chegar ali em grande massa e desapareciam, logo em seguida, debaixo do túnel. Por outro lado, a população francesa, dando conta dos combóios de camionetas que eram despejados, secretamente, à boca do túnel, perguntava-se que mistério encobriria a terra, para assim engolir homens e fardos enormes de coisas desconhecidas. Por baixo e por cima do túnel trabalhava-se sempre. Mas que faziam esses homens que falavam uma língua estranha e que eram mudos para a menor inconfidência? As sentinelas, de resto, não deixavam aproximar-se indiscretos. Até que um dia, deu-se um acontecimento inesperado: picando a terra, certamente, os alemães deram com uma toalha de água ignorada que rebentou e inundou uma larga margem da região. Vieram ambulâncias para transportar os feridos aos hospitais de Beauvais e mais de duzentos caixões foram encomendados na região. Este acontecimento provocou muita conversa — mas da natureza dos trabalhos nada se soube. Finalmente — um ano depois de terem começado os

trabalhos — por uma bela manhã da Primavera, as fanfarras anunciaram que Goering, com todo o seu Estado-Maior, acabava de se instalar no antigo túnel de Coudray.

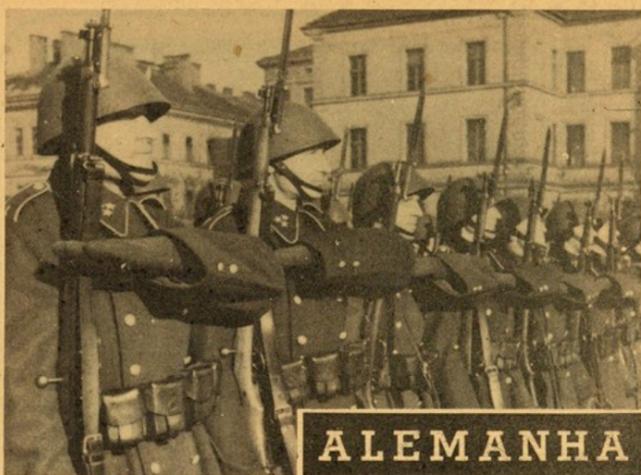
Dos alojamentos só mais tarde se soube alguma coisa, isto é, que compreendiam todo o conforto moderno, dentro de uma verdadeira cidade subterrânea acabada de nascer e onde os automóveis podiam dar ingresso por meio de rampas e pontes levadiças.

Havia ruas cimentadas e a ventilação fazia-se através de inúmeras bocas com capacetes de aço. À beira das ruas, erguiam-se as repartições de trabalho e os luxuosos edifícios, com belas decorações arrancadas aos edifícios públicos da III República. E não era tudo: a alegria para o trabalho é tão indispensável como a saúde do corpo. E, a este respeito, nada faltava à pequena cidade subterrânea: um casino, com reuniões nocturnas e atracções; um pequeno rectângulo para «tennis»; «stands» de tiro e, até, duas grandes piscinas — fora o mais que se possa imaginar...

Quando Goering, de tempos a tempos, aparecia, organizavam-se algumas festas desportivas e de arte, com o concurso de vedetas vindas de Paris em automóvel. Deve dizer-se, ainda, que nesta pequena maravilha de técnica, cabia ainda — claro, já fora do túnel — um minúsculo aeródromo privativo de Goering e um combóio de luxo em que o chefe da Luftwaffe viajava sem aviso prévio.

Em Junho de 1944, alguns aviões da R. A. F. devidamente informados, sobrevoaram sem êxito, o túnel de Coudray, mas só um mês depois um avião do mesmo exército despejou na entrada da pequena cidade subterrânea algumas bombas que lhe obstruíram os principais pontos de comunicação com o exterior. Desde então, a vida paralizou um pouco. A «débauche» anunciava-se para cedo. E quando, a 30 de Agosto último, as tropas aliadas se aproximaram daquela região, grandes explosões re registaram em Coudray.

Só uma piscina ficou — não de pé — mas deitada, preguiçosamente, ao longo do caminho obstruído pela metralha...



ALEMANHA

Cidadãos, presentes!

OS acontecimentos precipitam-se. A guerra franqueou as portas da Alemanha, é lá que se fere já a fase crucial da luta. A mobilização é total. Dos 16 aos 60 anos, todos devem pegar em armas, colocar-se ao serviço da pátria, vender bem caro o destino da Alemanha, dar de vencido o ideal comum. A mobilização é total, a agonia colectiva de um povo — dá-se de pé. Não é preciso arrematar os mobilizados. Como as F. F. I., usarão apenas uma braçadeira. E, como os franceses, todos serão, dentro de pouco tempo, fanáticos franco-atiradores — mas, agora, em condições diferentes, porque, ainda há pouco tempo, os ocupantes mandavam afixar, nos países ocupados, grandes cartazes dizendo que não eram considerados soldados regulares os patriotas encontrados com armas e, como tal, não gozariam dos respectivos privilégios, sendo-lhes reservado o fusilamento imediato.

Hoje, pelo contrário, é o general Holmes, chefe do Estado-Maior e adjunto do Estado-Maior aliado, quem diz que serão passados pelas armas os guerrilheiros encontrados com armas...

Os Aliados sobem, porém, que não é esse o meio que derruba o poder moral de um povo forte, consciente até à cegueira — passe o paradoxo — das razões que o levaram à guerra. Ao lado do poder militar, do poder oficial — estará o poder oculto de um povo que quer subsistir, apesar de tudo e contra todas as derrotas.

Entretanto, Eisenhower elabora e difunde o seu programa de ocupante: pena de morte para quantos participarem na luta de guerrilhas, contra as tropas aliadas; abolição das leis raciais e restabelecimento de liberdade política; entrega de todos os meios de transporte aos Aliados; suspensão de todos os jornais, até que seja autorizada a sua publicação; comunicações postais submetidas à censura militar; administração civil controlada pelos oficiais aliados, entre os quais franceses; dinheiro legal serão apenas os marcos postos a circular pelos Aliados; restauração dos antigos tribunais e julgamento dos antigos nazis.

É perante este programa pesado para o orgulho de povo forte e patriota que Hitler convoca o seu povo e diz a cada cidadão: presente...

OS PILARES DAS FÔRÇAS AÉREAS DOS ESTADOS UNIDOS

TALVEZ nem todos saibam que os mecânicos e operários das oficinas que fazem os aviões não têm permissão de voar. Por isso eles dizem que trabalham para os outros — e trabalham bem, em tempo e em quantidade. De facto, são precisos, por cada avião no ar, dez homens em terra. São essas equipas que, em seguida a uma avaria, põem de novo o aparelho a funcionar.

Os que voam nesses aparelhos — são todos aqueles que receberam instrução e treino no Comando de Instrução Técnica, sob a direcção do major-general Walter R. Weaver. É aí que vamos entrar.

Quando a guerra rebentou, o Comando dispunha apenas de meia dúzia de salas. Hoje compreende mais de 90 escolas excelentemente equipadas, por onde passaram mais de 500 mil técnicos que aprendem, também, a disparar as peças.

A selecção dos alunos é uma tarefa árdua, sendo, depois, precisos 15 meses de preparação para ficarem aptos a trabalhar com um grupo de bombardeamento pesado. Esses alunos são escolhidos entre os soldados alistados nas forças armadas, servindo de norma a preparação civil que levam para o exército. Mas, o ingresso é apenas o princípio. O mecânico gastará, agora, oito horas em aulas diárias — oficinas ou «han-

gares» — e terá filmes especiais para completar a instrução, onde não faltam modelos de tamanho natural, para que a sua experiência se habitue às proporções reais.

Depois, vem uma luta dura de 17 semanas, cuja fase final é a reparação de aviões danificados em batalha. Só depois é que são destacados para bosques e campos, para que se familiarizem com as oficinas em tendas e as precárias ferramentas postas à sua disposição em tempo de combate.

Parece que termina aqui o curso do mecânico, não é verdade? Todavia, não é assim. Não pode sair ainda para fora do país. É remetido para uma base aérea nos Estados Unidos, fica durante meses sob a vigilância do chefe do pessoal especializado e, então, é nomeado para prestar serviço numa esquadilha, sendo-lhe destinado um avião, de cujo pessoal de terra fica a fazer parte.

Se o mecânico pertence aos primeiros escalões — os de combate — esta honra levá-lo-á aos campos de combate e, então, adquire uma prática excepcional.

O pessoal terrestre — os pilares das forças aéreas — não é só, porém, constituído de mecânicos: para cada fortaleza voadora há 29 peritos em terra — ou sejam, três armeiros encarregados do transporte e coloca-

ção de bombas, um fotógrafo, dois técnicos rádio-electricistas, um experientador de instrumentos, um perito em armamento, um propulsor, um electricista, um aparelhador de paraquedas, um perito hidráulico, um previsor e um observador meteorológico, etc.

Em Lowry Field, perto de Denver — no Colorado — ensina-se-lhes a difícil arte de manejo dos visores de bombas, num curso de 20 semanas, e que consiste em reparar, manter e calibrar estes delicados aparelhos, que são o primeiro instrumento no acto de lançar bombas. Quanto aos rádio-telegrafistas, são preparados em Scott Field — em Illinois! — o que constitui um exemplo da montagem dos serviços de especialização americana: as várias partes do todo funcionam racionalmente e isoladas.

Na Europa, esse processo de aprendizagem talvez não estivesse de harmonia com o temperamento dos povos. Na América, porém, esse esforço isolado não precisa de ser encarecido, porque os factos falam mais por si do que pelas palavras.

Os heróicos aviadores americanos e os seus pilares — os mecânicos que ficam em terra, cuja divisa é sustineo alas — têm orgulho da sua função na guerra e, se o sentem, é porque compreendem toda a responsabilidade que lhes cabe nos destinos do mundo.



Aqui está um grupo de alunos numa aula do Comando de Instrução Técnica, aprendendo a montar a fuselagem e as asas de um avião.

Eis um veterano de 22 anos. Chamase Gregory, é sargento instrutor e inspector-chefe aeronáutico numa escola do Texas. Apesar de tudo, caminha-se de pressa...

ESTADOS UNIDOS

Mais de 600 muniçoadores e mecânicos em formação de parada, durante quatro semanas de intenso treino em Douglas Aircraft Company





PARA MANTER
A TRANQUILIDADE
D O L A R
EFEÇTUE O SEU

SEGURO
DE
VIDA
NA

★ULTRAMARINA★

RUA DA PRATA, 108 - LISBOA - TEL. PABX. 23348/9

VIDA
MUNDIAL

GLENN MILLER



e a sua famosa orquestra
de jazz apresenta
as últimas criações em
DISCOS
na famosa marca



«His Master's Voice»

Os maiores êxitos de
ARTIE SHAW - TOMMY
DORSEY - DOKE ELLINGTON -
JOE LOSS, ETC.
em nova remessa acabada de chegar

EST. VALENTIM DE CARVALHO
RUA NOVA DO ALMADA, 97

VIDA
MUNDIAL

As alunas que fo-
ram premiadas por
sua Excelência a Se-
nhora D. Maria do
Carmo de Fragoso
Carmona, pelos seus
trabalhos expostos ex-
na nossa recente ex-
posição, rodeando
M. me Justo

M. me
JUSTO



ESCOLA DE CORTE, COSTURA E CHAPEUS

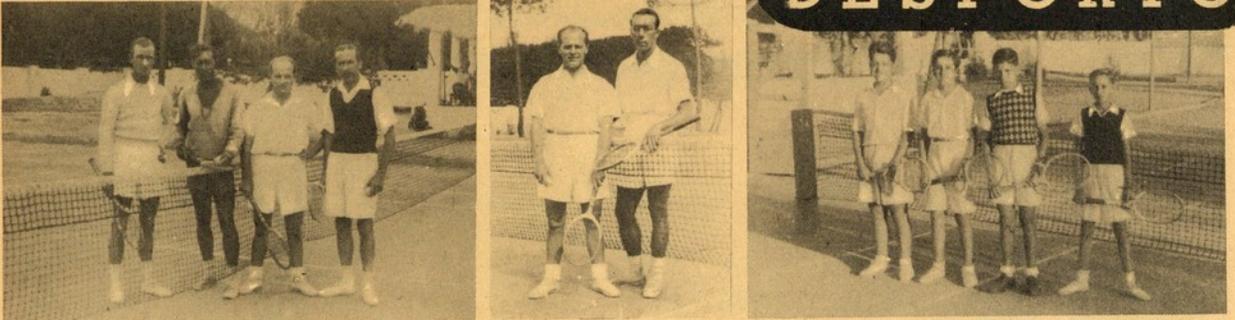
M. ME JUSTO

SÉDE, DIRECÇÃO E SECRETARIA
Rua de S. Lazaro, n.º 127-1.º e 3.º andar

A melhor e mais frequentada do País
CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

ATELIER DE CONFECÇÕES EM
TODOS OS GÉNEROS DE ALTA-
COSTURA E BORDADOS. EXPO-
SIÇÃO PERMANENTE DOS MAIS
RECENTES E ORIGINAIS MODÉ-
LOS DE CHAPÉUS A PREÇOS
SEM CONCORRÊNCIA

VIDA
MUNDIAL



Campeonatos de Ténis na Costa da Caparica

Finalistas «Pares-homens»: D. Constâncio, P. Vasconcelos, F. Heirbrant, A. Costa, vencedores (à direita)

Os finalistas de «Singulares-homens»: Pedro Vasconcelos e Heirbrant, vencedor (à direita)

Finalistas «Pares-Infantis»: Worm, Correia, Figueiredo, M. Madeira, vencedores (à direita)

Água sem piscinas

DESDE que nos conhecemos que ouvimos falar num problema que transcende o âmbito desportivo, para se transformar em interesse geral — podemos mesmo dizer nacional — a falta de piscinas! Vão afastados os tempos em que, nadando por prazer e acompanhando dia-dia os assuntos relacionados com a natação, se clamava pela necessidade da construção de piscinas para se poder progredir na modalidade — e para que todos os portugueses, vivendo paredes meias com a água, soubessem, em defesa própria ou alheia, dominá-la em emergência grave.

Os anos têm, porém, passado, e pouco mais se tem avançado. O panorama da natação está quasi na mesma, e quanto a piscinas...

O leitor sabe quantas piscinas, dignas desse nome, existem em Portugal?... É possível que poucas vezes se tenha pensado nesta estatística, aliás nada difícil de fazer... Pois, no nosso país, com todas as condições requeridas, há cinco. Enumeremo-las: Luso e Espinho, com 50 metros cada; Curia e Granja, com 33 metros, e Estoril com 18 metros. Estas, as piscinas comerciais.

As desportivas, propriamente ditas, pertencem ao Sport Algés e Dafundo e ao Alhandra Sporting Club; aquela tem 33 metros, esta também. Todavia, como na última foram introduzidas algumas modificações, ignoramos se ficará com o mesmo comprimento.

Podemos mencionar ainda a piscina da praia artificial de Coimbra, com 33 metros, e a da Covilhã, com 25 metros.

Das escolas, anotemos apenas a do Instituto Superior Técnico, com 24,95 metros.

Relançemos agora a vista por aquilo a que chamamos tanques. Há o do Nacional de Natação, o do Batalhão de Sapadores Bombeiros, da Mocidade Portuguesa, do Clube Sportivo de Pedrouços, do Algés e Dafundo, todos com 16 metros.

Deixamos no esquecimento voluntário alguns outros tanques, que, pela sua pequenez e modéstia (o que não exclui, evidentemente, uma boa vontade e grande persistência da parte dos seus proprietários), nem merecem ser citados.

Pouquíssimo, ou nada, como se compreenderá. Perspectivas à vista, pouco animadoras. Nem sequer uma réstia de esperança quanto a uma piscina municipal, como há em todas as capitais da Europa. No Porto, por exemplo, a construção de uma piscina é solicitada há longos anos. Para tratar do caso, tem havido comissões em série... Tudo permanece na mesma.

Os clubes desportivos não podem meter ombros a uma iniciativa de tanta monta.

Agora, que existe um organismo que superintende ao desporto nacional, é de aguardar que o momento do assunto seja finalmente solucionado...

De contrário, continuaremos a viver em regime de utopias, se pensarmos que é impossível o progresso, sem existirem os meios para se atingirem os fins ambicionados!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

NA HORA DA DESPEDIDA, RECORDA-SE QUE:

ALFREDO VALADAS

Jogou 420 desafios e marcou 300 tentos!...

COMEÇARA o rapazinho no Luso de Beja, com as históricas bolas de trapos. Nessa altura era elemento da primeira categoria do Luso. Conversaram de muitas coisas, até que em dado momento a pergunta caiu, naturalmente: «Queres ir jogar para Lisboa?»

— Para que clube? — perguntou o bejense.

— Para o meu, evidentemente! — respondeu o amigo, adepto ferrenho do Sporting.

A conversa continuou, e a decisão ficou tomada: Valadas viria envagar à camisola verde da turma dos «leões».

Época de 1930. No Sporting aparece um rapaz de excelente compleição atlética, autêntica estampa de jogador. Val alinhra a interior esquerdo. É o Valadas. Os seus primeiros jogos causam furor. O pé esquerdo está em «formas». Constitui um perigo permanente para os guarda-rédis. Faz «tentos» em série — e alguns deles ficam famosos.

Durante duas épocas a turma «leônica» aproveita os recursos do fofoso jogador, que passara então para a extrema esquerda, com o mesmo, se não maior, renomeio.

Entretanto, Valadas compreendia que não podia jogar unicamente futebol. Tinha que tratar da sua vida particular. Solicita um emprego. Há dificuldades. E perante estas, de momento irremovíveis, decide voltar para Beja, onde permanece duas temporadas sem jogar.

Renúncia definitiva do futebol? Não. Porque... E agora Valadas quem fala:

— O Benfica convidou-me para alinhar por ele. Pus, lealmente, a questão do emprego. Foi-me proitado. Voltet então a Lisboa e, efectivamente, pouco tempo passado empregava-me.

— Ficou satisfeito em representar o Benfica?

— Bem vê: eu o que queria era jogar a bola. Nesse tempo tanto se me dava jogar por um clube como que aceitei o convite dos encarnados. Quem lá entra uma vez acaba sempre por afelçoar-se. No Benfica vivi as horas mais emocionantes da minha carreira, e no Benfica a termino.

— Quere recordar algumas dessas horas?

— Por exemplo: logo no ano da minha estreia no Benfica fui campeão de Portugal, numa «final» contra o Sporting. Vencemos por 2-1, sendo o 1.º «tento» marcado pelo médio-centro Lucas, já falecido, e o outro por mim.

— Quantos campeonatos ganhou?

— Olhe: no antigo torneio da Liga fui campeão três vezes seguidas e, depois, no torneio crismado de Na-

cional, duas vezes seguidas, também. Campeão de Lisboa fui uma vez... No campeonato da Taça de Portugal fui duas vezes vencedor e outras duas vezes finalista. Se quiser completar a estatística, dir-lhe-ei que campeão da categoria de «Reservas» tenho sido várias vezes. A última, foi este ano, visto que o meu clube, como saba, ganhou o campeonato com boa margem.

— Quantas vezes foi «internacional»?

— Seis. Contra a Espanha quatro vezes, contra a Jugoslávia e Alemanha, suplente contra a Alemanha, também, contra a Hungria e Suíça.

— Também foi seleccionado para encontros regionais?...

— Sim, para três.

— Diga-me uma coisa, Valadas: poderá saber quantos jogos terá feito na sua carreira?

— Posso, sim, porque já procedi a essa estatística, para ficar como recordação. Joguei 420 desafios.

— Quantos «tentos» marcou até hoje?...

— O famoso jogador fica imperturbável. Depois diz:

— Aí vai a resposta: 53 no Sporting, 247 no Benfica, o que prefaz o total de 300!...

«Não esqueça uma coisa: eu estive três épocas sem marcar «goals». Foi

no tempo do treinador Lipo, em que os extremos apenas centravam para os homens do trio central concluírem!...

— Qual foi a oportunidade de «goals» desaproveitada, que mais o contrariou?

— Ah! também lhe posso responder, sim senhor. Na «final» da Taça de Portugal, Benfica-Académica de Coimbra. Perdíamos já por 4-3. Tive, a poucos minutos do fim, uma ocasião soberana de empatar a partida e forçar ao prolongamento. Mas o nervosismo e a ansia de não falhar, levaram-me a falhar mesmo!... Só eu é que sei o que senti!...

— E qual o «tento» que lhe deixou melhor recordação?

— Recordo-me perfeitamente. Foi num Benfica-Belenenses. Alguns metros antes da entrada da grande área arranquei uma tremenda «brasa», que entrou pelo canto superior da balisa. Foi para mim, até hoje, o meu «goal» de maior sensação!...

— Recordações de viagens ao estrangeiro?...

— Tenho bastantes, sim. As maiores, todavia, da viagem que fizemos juntos à Alemanha e à Itália... Recordo-se?...

— Recordo-me perfeitamente. Já lá

(Continua na pág. 22)

Aurélio Rodrigues

(Continuação da pág. 3)

acredito que não fosse uma obra-prima!...

— Aurélio Rodrigues sorri:

— Os bons tempos da «Dança dos paroxismos» e da «Castelã das Berlengas»...

— Que caracterizações gosta de fazer?

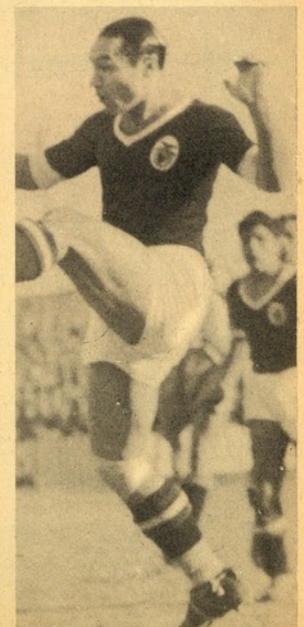
— «Característicos». Bem vê, fazer caras bonitas só interessa às senhoras... Mas, enfim, quere que lhe diga? Bonital devia mandar à Alemanha, à França, ou mesmo a Espanha, um dos seus artistas caracterizadores.

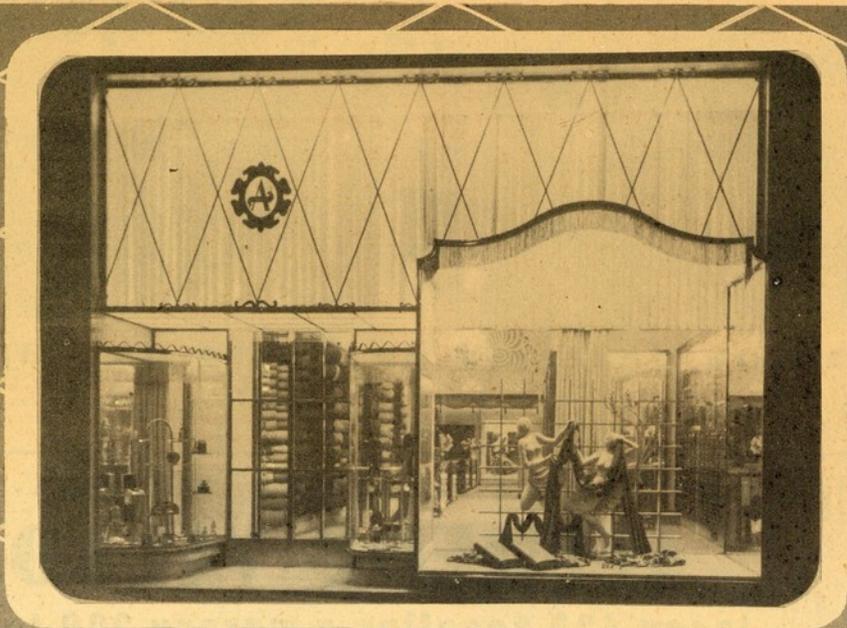
A entrevista está no fim. Nós insistimos em conhecer os fundamentos das dificuldades do cinema:

— O maior problema é o dos directores de produção e o de uma lei protectora. Deveria haver um delegado dos profissionais de cinema na Inspeção de Espectáculos, do mesmo modo que há um representante dos interesses teatrais... Depois, seria preciso sanear o meio, irradiar certos elementos que se valem da sua posição dentro dos cinemas e dos «plateaux», para agir à margem das leis da moral... Faltam-nos, ainda, argumentistas e dialogadores, pois tudo isto constitui uma arte que não é nem literatura dramática nem de romance...

— Em conclusão...

— Há muito que fazer, mas tudo há-de fazer-se, porque o cinema exige uma contribuição de todos nós e ninguém pode negar-lha!





AO SERVIÇO DA MODA



LÃS PARA HOMEM
E SENHORAS
SEDAS • MEIAS
CONFECÇÕES
PERFUMARIAS
E NOVIDADES

CASA AGUIAR

17 • RUA DO CARMO • 19
LISBOA • TELEFONE 24751

Obras de

MARY LOVE

ACABA DE SAIR

Saias de tarlatana
UM VOL. DE 280 PÁG. 12\$00

Outro romance
destinado a grande
êxito

JÁ PUBLICADOS, À VENDA

A idade de amar

Anie a preceptora

O segrêdo de Carla

Serás rainha

Minha mulher é um
homem

Quem mora naquele
moínho

O meu noivo tem um tio

Olhos de porcelana

Uma mulher nasceu

O Sr. Dr. acusa

A mulher comprada

O teu marido sou eu

Quando o passado voltou

Eu sou a mãe

Casei com uma actriz

Entrou-me um coração
pela janela

Sou uma mulher vulgar

O mundo somos nós dois

Achei o meu coração

Troquei a minha mulher

Venho dos braços da vida

Se eu fôsse a luz dos
teus olhos

A mulher de meu pai

Sou um seu criado

Divórcio

Rapsódia

Eternamente

Canto da primavera

Já era assim há 100 anos

Cada vol. br. 10\$00
Enc. 20\$00

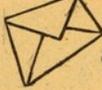
*

Em tôdas as livrarias

Pedidos à Livraria Editora

Guimarães & C.ª

R. da Misericórdia, 68



Respondendo às leitoras

JUDY, PEQUENA CINÉFILA — Em geral, aparece sempre uma justificação para a magreza excessiva; ou trabalhamos muito, ou nos delatamos tarde, ou sofremos de intestinos, enfim, qualquer coisa que consiga por si só impedir que engordemos. Para qualquer destes casos, será preferível ouvir a opinião dum bom médico e seguir o seu conselho.

Entretanto, experimente ficar em repouso meia hora, pelo menos depois de cada refeição, escolher alimentos favoráveis à nutrição, não desprezar os bons pratos de sopa, não trabalhar demasiado e afastar para longe o que possa preocupá-la em excesso. Será pedir muito. Tente uma pequenina experiência, mas não se esqueça de consultar um médico.

Quanto à sua segunda pergunta, creio que só uma visita a um Instituto de Beleza a poderá satisfazer completamente. Todavia, se essa visita se lhe tornar impossível por questões financeiras, experimente, então, diariamente uns duches frios ao busto, seguidos de umas maçagens com qualquer creme bom, nutritivo para a pele. Não se desista, fraca, poderia também praticar um pouco de «tenis», «ping-pong» e nas estações quentes, natação.

ROSMANINHO — Pode usar sem receio o seu chapéu de chuva transparente, porque continuam a estar na moda. Se não os viu ainda nas montanhas, é talvez por não haver abundância no mercado. Se o cabo do seu fôr curto, pode mandar colocar-lhe um cabo mais moderno e o seu chapéu parecerá outro!

Jantar de 5.ª feira

↑ ALVEZ que a leitora já não tivesse tempo de destinar o seu almoço de hoje, segundo os conselhos que aqui lhe dissemos. Nestes tempos de crise, é sempre difícil preparar de um momento para o outro uma refeição apetitosa. Mas, para o jantar, terá tempo de organizar a sua bateria de campanha. Ora veja só se lhe será difícil adquirir um pato, um pouco de peixe fresco ou da véspera, melo quilo de batatas e algumas azeitonas! Aqui está o jantar que lhe propomos para hoje, 5.ª feira, — dia de refeição melhorada... — e que poderá servir a qualquer comensal imperado, sem receio de pôr a perder o crédito da sua mesa...

Sopa: polme de favas e pão torrado. **Carne:** pato com azeitonas. **Peixe:** torta de peixe. **Sobremesa:** queijo e fruta, café e licor.

Sopa: Cozem-se as favas verdes — e já as há muito tenras! — com toucinho e presunto, levando-as depois ao passador para obter o polme que se torna fluido, com caldo da cozedura em que se pôs uma cápsula de coentros. Prepara-se o pão para a sopa, cortando em dadinhos que se levam ao forno para torrarem, untados de manteiga ainda no forno, para que fiquem bem impregnados. Na altura de ser servida a sopa, oferecem-se os dadinhos torrados que se deitam no prato com uma colher, para que se comam ainda bem rijos.

Peixe: Depois de cozer bem 4 batatas grandes em água temperada de sal, descasque-as e passe-as pelo passador. Junte-lhes duas colheres de sopa com farinha, sal, pimenta, quatro gêmas de ovos e, em seguida, ovos claros previamente batidos em castelo. Unte um tabuleiro com manteiga, lança-lhe dentro a batata assim preparada e leva ao forno regular. Quando a massa está bem loira, retira-se e desmolda-se com cuidado, enchendo-se, em seguida, a parte que não está loira com um recheio vulgar de peixe, preparado com um creme. Enrola-se cuidadosamente, servindo-se cortada às fatias.

Carne — Depena-se, chamusca-se e limpa-se um pato e cõra-se numa caçarola com um pouco de manteiga e toucinho grosso às fatias. Retira-se depois o pato para fazer um refogado, acrescentando-se com caldo da panela ou água a ferver. Delta-se-lhe, então, sal, pimenta, capela de cheiros, volte a deitar-se na caçarola o pato com o toucinho, deixando cozer uma hora e meia sobre um bom fogo. Entretanto, branqueiam-se as azeitonas, tira-se-lhes o caroço e deitam-se na caçarola alguns minutos antes de servir.

PAGINA FEMININA

A esposa da saia vermelha

UM dia Polly Bailey, aquela rapariguinha esperta e de olhos irrequietos, empregada num armazém de Chicago, encontrou o universitário Lin Kwai Tsi Chang. Este, ficou deslumbrado ante a sua beleza fina, ante o seu espirito alegre, preso fortemente ao metal delicioso da sua voz vibrátil. Não mais a deixou. Via-a todos os dias, e por sua vez tentava, também, deslumbrá-la falando-lhe da China, das suas riquezas, dos seus mistérios, do seu palácio e do seu amor por ela.

Polly ouvia-o todos os dias e a sua atenção ia-se tornando cada vez menos irrequieta, mais profunda.

E, ao regressar a casa, ela ficava encostada à janela, olhos perdidos no azul do céu, pensando se o céu da China seria assim como o de Chicago. Depois, olhava a página duma revista favorita, onde era contado um amor de dois jovens chineses, num delicioso e encantador poema!

Polly foi aos poucos perdendo a sua maneira traquina e irrequieta. Mas os seus belos olhos azulados, continuavam ainda com a mesma vivacidade interrogando o futuro. Que fazer? Que fazer? Lin era amável, bom, rico e estava apaixonado por ela. Se aceitasse veria a China, teria vestidos de sedas bordados a ouro, pérolas das mais belas sobre o seu colo alto. Sabia que era bonita e imaginava-se passeando pelas ruas de Pequim ao lado do marido e deixando para trás olhares cheios de admiração e, talvez, de inveja. Havia de divertir-se com Lin naquelas casas estranhas que conhecia apenas pelas fotos de revistas. E seria mais bela ainda com aqueles fatos exóticos e também ainda mais amada pelo seu atencioso marido. Teria honras, fortuna, um palácio de ouro...

Chicago oferecia-lhe apenas a vida modesta que tivera até ali, o trabalho diário e as surpresas que o futuro lhe reservasse! Um futuro na América perto dos amigos e da família. Que fazer, portanto?...

* * *

Sentada numa cadeirinha baixa, Polly Chang olha o céu da China. Sim — pensa — é o mesmo céu! Uns dias mais cinzento, outros mais azulado. Mas é o mesmo céu! E, todavia, como tudo é diferente ali! Até o olhar de Polly já não tem a mesma expressão de entusiasmo e de vontade. É mais sereno, mais nostálgico! Ela continua ainda muito bonita, embora pálida, e sem os vestidos belos bordados a ouro e pérolas verdadeiras. Lin — o seu marido — anda sempre distante. Chega às vezes a não o ver uma vez por dia. De Chicago, não mais tivera notícias. As ruas de Pequim pouco pudera conhecer...

Polly alonga o olhar triste por todo o pátio. E ali que ela passa as tardes ajudando a escolher o arroz, bordando, cosendo! Em volta, estão os muros enormes, afiladamente altos, para lá dos quais ficam as ruas de Pequim, os divertimentos, a vida a palpitar!...

Dentro, esse palácio de sonho reduzira-se a um pesadelo: a esposa da saia vermelha. Polly tem-lhe a raiva e um ciúme que quasi a enlouquece. Não é por Lin que ela sente, às vezes, tanta vontade de chorar. É por ele, por esse pequenito que lhe nasceu há quasi um ano e sobre o qual não lhe atribuem direito algum. Se ao menos lhe dessem o seu filhinho, ela brincaria com Yuk Sang e sentir-se-ia menos só. Mas essa mulher, a que usa a saia vermelha, porque é a primeira esposa de Lin — arrebatou-lhe tudo. São as leis do país. Nada pode contra elas. Lin não a avisara em Chicago de que tinha já casado, ainda na adolescência. E assim, como segunda esposa, ela fica privada dos seus direitos maternais.

Polly sente os olhos úmidos de lágrimas e no cérebro perpassa-lhe uma idéia que a põe em sobressalto: fugir para a missão religiosa, fugir daquele inferno!

Mas, um choro de criança chega aos seus ouvidos, e Polly, reconhecendo a vozinha do seu filhinho entregue aos cuidados da outra, sente uma ansiedade enorme a tomar-lhe o peito e a quebrar-lhe a vontade!

A cabeça pende-lhe quasi no colo. Soluça! Os lábios permanecem mudos, mas o seu coração reza esta frase para si só:

— Ficarei neste palácio de muros altíssimos apenas para poder velar por ti, meu filho, mesmo que tenha de viver na sombra para sempre!

E os olhos de Polly têm um fulgor mais vivo, mais forte, mais humano!...

PARA O GUARDANAPO DO BÉBÉ

As crianças devem rodear-se de pequeninas coisas que falem à sua sensibilidade e curiosidade. Os mais pequeninos nada devem servir-lhes de pretexto para se distraírem, educá-los no culto da graça e, ao mesmo tempo, instruí-los. Aqui damos um envelope engraçado com os atreps pipis. É fácil de fazer e não deixa de ter graça.



O perigo das águas rádio-activas

O rádio, como todos sabem, é uma substância cujos átomos são instáveis e, por isso, explodem, originando a emissão de electrões, que são partículas materiais constituintes dos átomos e radiações idênticas às dos Raios X.

O uso do rádio generalizou-se no tratamento de tumores malignos, dos cánceros, mas, infelizmente, em consequência das muitas curas associadas ao seu emprego, a palavra rádio passou logo a produzir remédios-tónicos contendo rádio, que se venderam como se fossem produtos de grande valor, quando, na verdade, alguns deles são extremamente perigosos.

As radiações de rádio são úteis, mas têm de ser usadas por um especialista, que saberá qual o momento de retirar o rádio do corpo do doente. Se o rádio for ingerido, como nas águas rádio-activas, ou levado aos pulmões com o ar respirado, tende a depositar-se nos ossos, iniciando um processo de envenenamento muito demorado, mas fatal, se houver rádio no organismo em quantidade suficiente. Basta uma quantidade ínfima para ocasionar distúrbios. Verificou-se já que 3 milésimos de miligramma de rádio depositados nos ossos provoca a morte dentro do prazo de dez anos.

Por felicidade, muitas das chamadas água rádio-activas, vendidas como medicamentos, contêm quantidades insignificantes de rádio e são, portanto, inofensivas. O valor destas águas é muito discutível. Em todo o caso, há algumas contendo rádio em quantidade relativamente grande; estas constituem um veneno lento, porém, fatal.

Alguns infelizes que fizeram uso das águas contendo rádio sentiram aparentes melhoras de saúde durante certo tempo, presumivelmente em consequência de uma irritação estimuladora dos centros produtores das células de sangue. Pouco tempo depois, quando a quantidade de rádio fixada pelo organismo atinge o limite perigoso, manifesta-se um rápido e envenenamento de tipo dramático. Os átomos de rádio alojam-se nos ossos e, dessa situação especialmente propícia, bombardeiam as células do organismo até à sua destruição.

Sob o aspecto químico, o rádio é semelhante ao cálcio de que os ossos são constituídos e, por isso, a corrente sanguínea poderá depositar átomos de rádio em qualquer lugar em que os átomos de cálcio forem exigidos pelo organismo. Cedo o engano se revela. Os ossos, antes saudáveis, atacados pelo lado de dentro, começam a decompor-se e a cair. Mesmo depois de um átomo de rádio ter explodido, o dano não termina; transforma-se num átomo de radónio que pode ainda explodir, já sem falar nas violentas radiações emitidas.

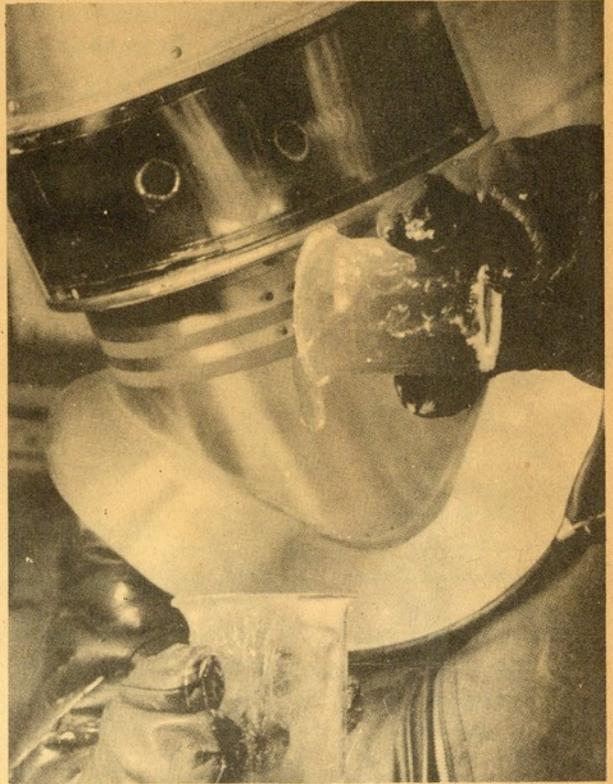
Não pode servir de consolo a esperança de que os átomos fixados no organismo se destruam; isso terá apenas acontecido à metade deles no fim de 1690 anos.

A única salvação, consiste em retirar do organismo uma parte destes átomos, o que se consegue com mais êxito agindo logo após terem sido absorvidos.

Em certo número de casos de envenenamento pelo rádio tem-se conseguido levar literalmente certa porção dos átomos incorporados nos ossos do doente. O médico age de modo a provocar no doente uma descalcificação dos ossos.

A medida que essa descalcificação se produz, uma parte do rádio é, também eliminada. O doente mantém-se na cama e, antes que os ossos percam a sua consistência, inverte-se o processo anterior, fornecendo ao organismo novas quantidades de cálcio para a sua reconstituição. Quando os ossos se consolidam de novo, pode-se repetir o processo anterior. É o que se chama fazer uma «lavagem» com cálcio.

O controlo do tratamento é feito utilizando um aparelho de uma extraordinária sensibilidade, inventado pelos físicos para revelar os raios cósmicos. As medidas feitas com este aparelho não perturbam o doente, e é capaz de determinar a quantidade de rádio ainda existente no organismo, mesmo à distância de meio metro. É um exemplo flagrante da aliança entre o médico e o físico para aliviar os homens do flagelo das doenças.



ALTITUDE

Na América do Norte há laboratórios muito bem apetrechados para estudar as condições de vida nas grandes altitudes. Mas, para fazer os ensaios não é preciso voar, porque nos laboratórios há dispositivos que permitem criar artificialmente a temperatura, a pressão, a grande umidade, as quantidades de gases adequadas. Na foto vê-se um investigador experimentando um fato especial, o «escafandro das alturas». A 30.000 pés de altura os mais aperfeiçoados óleos gelam.

Os olhos dos mortos dão vista aos cegos!

SE os esforços da Medicina para evitar as doenças ou curá-las são prodigiosos, não o são menos as tentativas para impedir a existência de mutilados. Os enxertos, as transplantações de tecidos, a utilização de ossos ou partes de ossos de mortos para substituir ossos ou parte de ossos de feridos, evitando amputações, constituem marcos gloriosos na cirurgia experimental e na fisiologia.

Recentemente, o médico russo Dr. V. P. Filatov conseguiu extrair olhos de cadáveres, conservando-os em refrigeração e aproveitando-os para dar vista aos cegos. O método já foi experimentado em 440 operações.

As córneas de cadáveres seriam

mais aptas para enxertos do que as extraídas dos olhos das pessoas vivas, exercendo benéficos efeitos nos tecidos oculares adjacentes. A córnea é o tecido transparente ocular que desempenha a função de lente, e corresponde à lente de uma câmara fotográfica. Um ferimento na córnea pode ser causa de cegueira, mas a visão pode restabelecer-se mediante enxerto doutra córnea em perfeito estado.

Até agora utilizava-se para enxerto, porções de córnea extraída de doentes, e os resultados eram muitas vezes negativos. A descoberta de que seria possível aproveitar os olhos dos cadáveres, conservando-os por refrigeração, veio dar novas possibilidades de êxito às operações na córnea.

PREGUNTE!

Como apareceu a velocidade em «nós»?

OS antigos não tinham os aparelhos que dão automaticamente a velocidade de um barco a navegar. No entanto, os marinheiros podiam calcular a velocidade dos seus navios com bastante certeza.

A princípio, os marinheiros utilizavam a barquilha, uma pequena acha de madeira que era atirada do barco para o mar, bem da proa do navio. Depois, observava-se com toda a atenção quanto tempo demorava a pôpa (a parte de trás do barco) a atingir a barquilha. Como o comprimento do barco era conhecido e se sabia pelo processo já indicado, o tempo necessário para percorrer esse comprimento, fácil se tornava calcular a velocidade por hora, sabido que a velocidade é igual ao espaço a multiplicar pelo tempo feito em o percorrer ($v = et$).

Mais tarde, a barquilha foi sendo substituída pela linha de barquilha, isto é, uma corda comprida, fina e

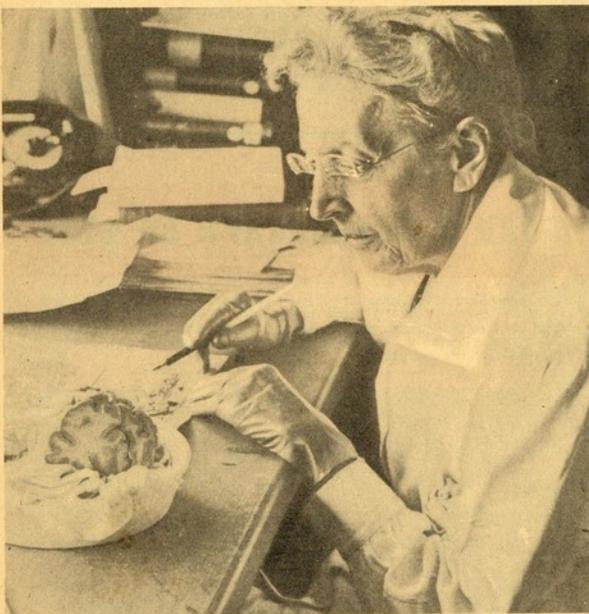
resistente, a cuja extremidade estava ligada uma tábua de forma triangular. Esta corda, dividida em muitas partes por meio de nós feitos a intervalos regulares, conservava-se enovelada num cilindro muito móvel.

Lançada a tábua ao mar, a corda ia-se desenrolando à medida que o navio singrava. Ao mesmo tempo, um marinheiro verificava a altura em que deixava de cair a areia numa ampulheta. Quando toda a areia tivesse caído (e o tempo dessa queda sabia-se já) puxava-se a corda para dentro do barco e contavam-se os «nós». A distância entre os nós era conhecida também e, por altura, resultava fácil saber qual o andamento por hora, ou seja: quantos nós o barco estava fazendo por hora.

(Pergunta do leitor M. de F.—Avelro).

Toda a correspondência deve ser dirigida a «Vida Mundial Ilustrada», «Página de Ciência Elementar», Rua da Emenda, 69, 2.ª — Lisboa.

MISTÉRIOS DA VIDA



Na Alemanha, na Floresta Negra, existe o famoso Instituto de Investigação de Doenças Mentais, orientado pelos esposos Vozt. A foto mostra a dr.ª Cecilia Vozt estudando atentamente um cérebro humano. Estes estudos do cérebro têm uma grande importância: trata-se de estabelecer relações entre as manifestações da «alma» e a forma, estrutura e a fisiologia cerebrais. Pouco a pouco, os sábios vão tirando o espírito das trevas do mistério e fazendo, tornando materiais, as suas actividades.

Viagens maravilhosas

VII

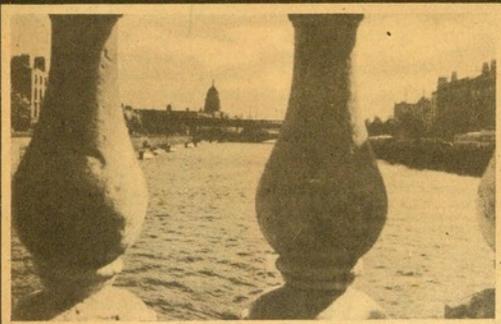
A Irlanda de sempre

A Irlanda é um dos países mais tradicionais na sua beleza. Do passado ao presente e diante do futuro, o Estado Livre da Irlanda representa para o mundo um refúgio de paz e de esperança.

Povo trabalhador, incansável, que tem construído o destino pelas suas próprias mãos.

A sua história é demasiado conhecida para que a escrevamos, de novo; mas as suas paisagens, os seus cenários de encanto, as suas agudezas vivas talvez não sejam tão conhecidas do leitor.

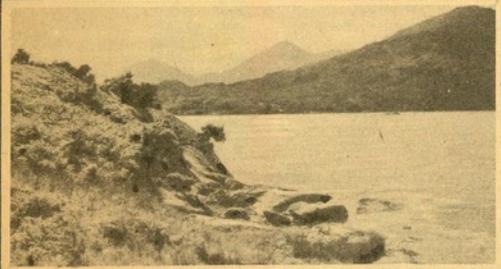
Por isso, aqui fixamos quatro sugestivas imagens da Irlanda de hoje, que é, afinal, a Irlanda de sempre!



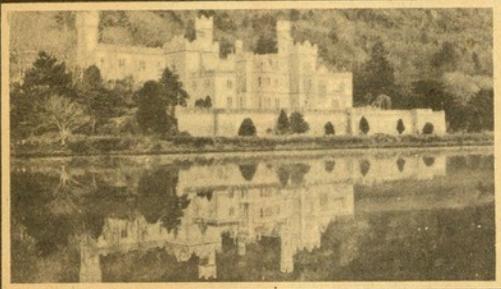
Dublin, a capital, oferece aspectos como estes, ricos de fotogénia. Este enquadramento mostra a extensão do Liffley e as condições excelentes de porto natural que daí nasce para a capital irlandesa.



E na Avenida O'Connell, onde se ergue a estátua do famoso político e patriota Dan O'Connell, que toda a Irlanda venera, o movimento é tão intenso como nas maiores capitais do mundo.



Eis agora uma das mais características paisagens irlandesas, no Condado de Cork. Montanha, mar e céu unem-se numa alegoria espantosa dando ao irlandês puro aquela tenacidade levemente poética que é a sua melhor virtude.



E, por último, vejamos a silhueta impressionante da Abadia de Kilmore, no Condado de Galway, uma das mais importantes abadias da Irlanda, não só pela alvura extraordinária do seu mármore como também pela maravilhosa beleza do seu lago.

ITINERARIO PITORESCO



O cais artificial de Xangai, um dos recantos mais pitorescos da grande cidade

Hino a Xangai!

NÃO sei se os leitores conhecem a obra desse espirituoso filósofo chinês que se chama Lin Yutang. Ela é simplesmente magnífica. Obra que serve para demonstrar, com eloquência, qual é a posição dos jovens intelectuais chineses no mundo sombrio e irrequieto de hoje. Pearl Buck disse de Lin Yutang que ele possui um «espírito lampejante, dardejante, penetrante, sorridente».

Da obra de Lin Yutang eu escolhi um pequeno trecho cheio de pitoresco e de encantadora ironia sobre essa cidade estranhamente complexa que é Xangai. Ai vos ofereço, pois, o «Hino a Xangai» de Lin Yutang.

G. M.

Três vezes louvor à cidade famosa pelo seu cheiro de cobre e pelos seus gordos e unguosos banheiros, de peles esverdeadas e dedos viscosos;

A cidade de carne que abraça e de carne que dança, de damas de peitos lisos que se alimentam de sopa de pin-sen e de congee do ninho de pombos, e que ainda parecem anémicas e cansadas, apesar da sua sopa de jin-sen e do congee do ninho de pombos;

A cidade de carne que dorme e de carne que comê, de damas de pés de vergôntea de bambú e cinturas de salgueiro, faces arrebitadas e dentes amarelos, guinchando: «Eh! eh! eh!» como macacos, desde o bérço até ao túmulo.

Grande cidade és tu!

Nas horas tranqüilas da noite, conjuramos um quadro das tuas monstruosidades; na corrente lodosa de tráfico humano na Estrada de Nanquim mais lodosa que o peixe lodoso do lodoso Wangpoo, pensamos também na tua grandeza.

No teu Rio Whangpoo que diariamente recebe a sua quota de supostos suicidas, nas tuas jóvens dançarinas e nos teus rapazes apaixonados que se misturam com os peixes lodosos do Whangpoo;

Nos teus chás-dangentes de hotel, onde a vulgaridade se reúne para encontrar-se com a vulgaridade e ver como a vulgaridade se veste;

Nas tuas corridas de cães, onde mulheres brancas, em traje de noite com o colo em V, se misturam alegremente e se acotovelam com calxerinhos amarelos, com espertalhões grisalhos e com sujeitos raquíticos de olhos miúdos;

Nos teus arrogantes e indelicados estrangeiros, tão arrogantes e indelicados que se sabe a que classe pertencem nos seus países—homens de cabeça mediana mas de botas rijas e de fortes músculos de bezêro, que também fazem bom uso das suas botas rijas e dos fortes músculos de bezêro;

Homens que dão abundantes gorjetas e se queixam dos preços exorbitantes, que se sentem legitimamente ofendidos e insultados quando a gente não consegue entender a língua nacional dêles;

Pensamos nessas coisas e admiramo-nos delas, pois não conseguimos compreender donde vêm e para onde vão.

Ó tu, cidade que excedes o nosso entendimento!

Tu, cidade de salteadores aposentados—funcionários, generais, embusteiros—infestada de salteadores—funcionários, generais e embusteiros—que ainda não fizeram as suas fortunas.

Ó tu, o lugar mais seguro da China para se viver, onde até os teus mendigos são desonestos!

LIN YUTANG

IMAGENS DO MUNDO

O contraste dos séculos



Um músico abissínio tocando melodias modernas numa harpa que conserva ainda o mesmo feltro tóxico e os mesmos recursos limitados de há seis mil anos.

UMA RAÇA QUE VAI DESAPARECER

SEGUNDO estatísticas recentemente elaboradas por alguns peritos na matéria, prevê-se que as raças aborígenes da Austrália tendem a desaparecer rapidamente, como aliás já tem sucedido com várias tribos de índios da América do Norte.

Calculam-se que existam actualmente 55.000 aborígenes na Austrália, de sangue puro e 22.000 já com sangue cruzado. Mas dêste total, cerca de 35.000 são absolutamente nómadas...

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

por Carlos Ferrão

Capítulo XXVI — Países ocupados — Noruega

ANTES de terminar o relato dos acontecimentos ocorridos na Noruega, durante o período da ocupação que se estendeu desde a invasão daquele país até 1943, é indispensável fazer algumas referências à acção do governo norueguês exilado em Londres e das forças militares que, fora do solo da Noruega, puderam auxiliar a causa dos Aliados.

O governo da presidência do sr. Nygaardsvold encontrava-se no poder havia quatro anos, quando estalou a guerra, em Setembro de 1939. Era o primeiro governo homogéneo composto por elementos do partido socialista que ocupava o poder. Em 1928 houvera uma tentativa efémera de governo socialista, presidida pelo chefe deste partido, Hornsrud, mas essa tentativa malograra-se rapidamente. A constituição do gabinete socialista do sr. Nygaardsvold, em 1935, correspondeu às tendências da população norueguesa, pouco depois confirmadas nas eleições gerais que ali se realizaram.

A coligação de socialistas e liberais procurava realizar no poder um vasto programa de reformas sociais quando se desencadeou o conflito. O seu pacifismo reconhecido adaptava-se às inclinações tradicionais do povo norueguês, amante da paz e da ordem. Quando se deu a invasão da Noruega, o governo decidiu alargar a base do seu recrutamento e transformou-se num governo de união nacional, onde passaram a estar representados todos os agrupamentos políticos que tinham os seus deputados eleitos ao «Storting». Entre esses agrupamentos, os agrários dispunham de uma larga representação parlamentar e foi-lhes por isso confiada uma participação condigna no governo de união nacional organizado em virtude das circunstâncias excepcionais que o país estava atravessando. Este governo ficou constituído por catorze ministros, os quais seguiram para a capital britânica com o rei Haakon quando, como relatámos, se verificou a impossibilidade de continuar a resistência no território nacional.

Desses ministros, o mais conhecido no estrangeiro era o dr. Koht, que dirigia a política externa da Noruega e foi substituído, em Fevereiro de 1941, pelo sr. Trygve Lie, o qual ainda ocupa aquelas funções actualmente no gabinete norueguês.

A RESERVA DURO E A MARINHA MERCANTE

Durante os dois meses que durou a resistência na Noruega, o governo de acordo com o rei, tomou duas medidas de precaução que mais tarde se revelaram férteis em consequências. A primeira dessas medidas dizia respeito ao destino a dar ao encaixe ouro do Banco de Emissão de Oslo, o qual foi enviado para Inglaterra a bordo dum navio de guerra norueguês. A segunda dizia respeito à utilização da marinha mercante da Noruega, uma das mais importantes do mundo.

Foi, sobretudo, esta última que se traduziu por uma série de serviços

de maior utilidade. A marinha mercante norueguesa, servida por uma construção da especialidade extraordinariamente desenvolvida, dispunha, em Abril de 1940, de muitas centenas de navios totalizando alguns milhões de toneladas. Calcula-se que noventa por cento dos seus efectivos tenham passado para a mão dos Aliados, incluindo-se nessa percentagem mais de mil unidades de todos os tipos com quatro milhões de toneladas.

A requisição destes navios foi feita pelo governo, quando este se encontrava refugiado numa localidade do vale de Romsdal, em condições particularmente curiosas. Serviu para a redigir um bocadinho de papel arrancado a um livro de notas, e uma vez feita a requisição às empresas particulares, detentoras dos navios, foi levada para Inglaterra e dela foi dado conhecimento aos armadores que a acataram imediatamente. Os comandantes das unidades, que se encontravam no alto mar, cumpriram gostosamente as ordens que lhes foram comunicadas por intermédio da T. S. F., e acolheram a portos aliados ou neutrais, seguindo mais tarde para a Gran-Bretanha, onde o seu governo já se encontrava.

Durante o período dramático que a Gran-Bretanha atravessou em consequência da campanha submarina, a utilização da marinha mercante norueguesa foi para a sua defesa dum importância vital. Sem esse auxílio, a situação durante os meses perigosos de 1942 e 1943, teria sido decerto bastante diferente e a população da ilha não teria recebido os abastecimentos de que tanto necessitava.

AS FORÇAS MILITARES NORUEGUESAS

Logo que se encontrou em Inglaterra, o governo norueguês decretou a mobilização de todos os cidadãos em idade militar que se encontravam no estrangeiro. Esta medida destinava-se a criar, desde logo, uma força capaz de representar, mesmo simbolicamente, o espírito de resistência da Noruega e, ao mesmo tempo, procurava criar os elementos indispensáveis à organização da máquina administrativa que no exílio devia acatear a causa da Noruega. Num campo de treino, estabelecido na Escócia, começou a adestrar-se, desde o verão de 1940, uma força militar norueguesa, pequena em número mas de excelente qualidade e eficiência.

Um grande número dos recrutas que passaram a ser adestrados nessa estação de treino era constituído por marinheiros ou trabalhadores que, eventualmente, também podiam ser utilizados na marinha de guerra ou na marinha mercante, cujas exigências depois não mais deixaram de crescer. Foram alguns destacamentos deste pequeno exército que se distinguiram, mais tarde, nas expedições de «comandos» realizadas às

Lofoten, em 4 de Março de 1941; a Oksfjord, em Abril do mesmo ano; ao Spitzberg, em Setembro; às Maloi e Vagsol, em Dezembro de 1941; e, ainda mais uma vez, às Lofoten em 1942.

O comandante-chefe do exército norueguês durante a luta contra os alemães, general Ruge, foi feito prisioneiro e levado para a Alemanha. Para o substituir foi escolhido o general Fleischer, que assegurou a cooperação com as forças franco-britânicas enviadas a Narvique, e este, por sua vez, substituído, em Fevereiro de 1942, pelo general Beichman.

Mas o governo norueguês no exílio procurou, sobretudo, organizar uma força aérea em condições de cooperar, activamente, com a R. A. F. nas batalhas que não deixariam de se travar no céu da Gran-Bretanha. Essas batalhas, efectivamente, deram-se, e nelas tomou uma parte distinta a aviação norueguesa.

O organizador do corpo aéreo norueguês foi o almirante Hjalmar Larsen que trabalhou, incansavelmente, bem como o seu adjunto, tenente-coronel Oen, para a criação das primeiras esquadrilhas de «Hurricanes» tripuladas por aviadores noruegueses. Algumas destas esquadrilhas foram logo enviadas para a Islândia onde prestaram excelentes serviços durante o período que precedeu a entrada dos Estados Unidos na guerra.

Em fins de 1942 a força aérea norueguesa com base em Inglaterra, tinha mais de cem aparelhos tripulados por mais de setecentos oficiais. A escola de treino dos pilotos noruegueses foi instalada em Toronto. Os seus serviços, a partir de 1941, passaram a ser especialmente utilizados na vigilância costeira e no serviço de acompanhamento de combóios marítimos.

OS MARINHEIROS NORUEGUESES NA LUTA

Depois da luta na Noruega, os oficiais e marinheiros noruegueses encaminharam para os portos da Grã-Bretanha todos os navios de guerra que não tinham sido avariados ou afundados. Aquêles cujas unidades se tinham perdido tomaram lugar em pesqueiros e seguiram o caminho dos seus camaradas, decididos como eles a prosseguir a resistência no exílio.

Constituiu-se, assim, uma força naval apreciável composta por cerca de sessenta unidades, incluindo alguns submarinos, contra-torpedeiros, avisos, corvetas e caça-minas. Também puderam ser utilizados numerosos barcos de patrulha costeira de que a Noruega dispunha para a fiscalização dos seus serviços de pesca e que se revelaram de grande utilidade. Quando se deu a transferência dos contra-torpedeiros americanos para a Royal Navy, quatro deles foram incorporados na esquadra norueguesa.

Esta esquadra é tripulada por mais de duzentos e cinquenta oficiais e cerca de dois mil e quinhentos marinheiros, que são geralmente considerados dos melhores e dos mais hábeis de todo o mundo. A sua base é o porto de Plymouth, onde se criaram escolas de praças e oficiais destinadas a continuar a magnífica tradição marinheira da Noruega.

Os navios de guerra noruegueses tomaram parte em operações particularmente arriscadas, como o transporte de «combóios» que fizeram os «raides» às costas escandinavas durante os anos de 1941 e 1942. Apenas se registou o afundamento dum desses navios, o contra-torpedeiro «Bath», um dos que haviam sido cedidos pelos Estados Unidos. Com o navio perdeu-se a quasi totalidade da sua tripulação. O comandante-chefe da esquadra norueguesa é o almirante Corneliussen que, como o seu adjunto, almirante Danielsen, goza de excelente reputação nos meios navais ingleses.

A acção dos navios de guerra da Noruega na luta comum, ao lado das esquadras britânica e americana, constituiu um dos títulos mais legítimos que a Noruega pode invocar para justificar a posição de rélevo com que a sua altitude é considerada nos conselhos das Nações Unidas e a atenção com que a sua voz é escutada.

(Continua)



Quando, em Setembro de 1939, estalou a guerra actual, o Governo da Noruega era presidido por Nygaardsvold, já já para quatro anos.



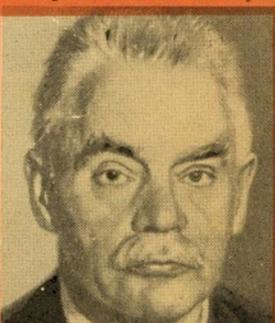
A marinha mercante norueguesa, ainda mesmo mais do que a marinha de guerra, teve um papel decisivo no auxílio prestado à Grã-Bretanha, em 1940.



Quando o general Ruge foi aprisionado e levado para a Alemanha, substituiu-o o general Fleischer que assegurou o êxito da expedição franco-britânica a Narvique.



Larsen foi o organizador do corpo aéreo norueguês e o criador das primeiras esquadrilhas de «Hurricanes». Vêmo-lo cumprimentando dois compatriotas que acabam de envergar o uniforme da aviação.



Do governo do rei Haakon, transferido para Inglaterra, um dos mais conhecidos elementos era o ministro dos Negócios Estrangeiros, Dr. Koht, depois substituído por Trygve Lie.



ROSA Maria é quasi uma artista prodigiosa. Tem treze anos, e, na exposição do Estoril, apresentou uma vintena de trabalhos podendo dizer-se que vem enfileirar ao lado dessas inumeráveis vocações precoces que a critica acolhe, alvoroçada, como esperanças revelações. De certo, esta Rosa Maria Sobral Cid merece ser destacada. Muita gente supõe que o pequeno Mozart, executante e compositor aos quatro anos, é um caso especulativo de reencarnação, e ninguém quere dar tento da chama de arte que fazia mover os dedos débeis sobre as teclas do piano.

Acham até que isso foi um incidente sem «rêprise» nos anos largos do mundo. Afinal, dia a dia, registam-se novos casos. Ontem, um garoto de oito anos, na idade em que se corre pelos parques atrás das borboletas, vem, feito senhor, oferecer ao sr. ministro da Educação Nacional um livrinho de poemas que a sua inspiração infantil tinha concebido. Referimo-nos a Pedro Galvão Teles — o precoce poeta do Pôrto, que encantou os frequentadores da Feira do Livro.

Já antes, Veva e seu irmão Sérgio Varela Cid tinham despertado a curiosidade do público — a primeira, de seis anos, erguendo-se nos pésitos delicados para dançar diante de uma assistência exigente que abria os olhos admirados da sua arte imponderável; o outro, no salão do Tivoli, tocando, diante duma assistência entendida, trechos da sua autoria. E tão grande foi o entusiasmo de quem viu e ouviu, que o peque-

Riscos, sobre riscos, garatujas, pequenos barcos, montes com moinhos — e, depois, como não podia deixar de ser, o grande enlévo de passar tudo aquilo bem coberto com aguarelas. O pai, o ilustre advogado Sobral Cid, artista por temperamento, não desgostava. Muitas vezes até lhe guiara os primeiros passos, e a pequenita Rosa Maria sobre os seus joelhos, a querer com o lápis fazer tudo, retinha na memória visual a trajetória do lápis...

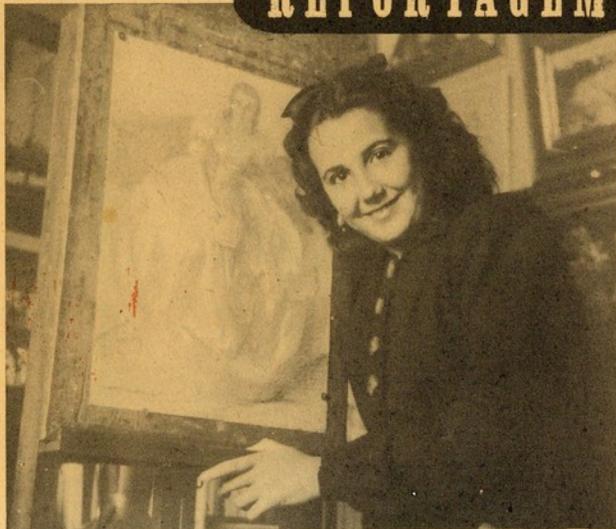
Creceu — tinha nove anos — e a extraordinária vocação não a abandonou.

Então era já o pai que lhe comprava revistas inglesas, que a levava a curtos passeios donde se via a paisagem crescer, ondular, cheia de luz.

O ESTORIL, AS «REFUGIADAS» E AS PRIMEIRAS LIÇÕES

Rosa Maria mora com os pais no Estoril. A praia, mal a guerra rebentou na Europa, aumentou de concorrência, sobretudo de gente estrangeira, vinda, como uma lufada de civilização, de todos centros.

Debaixo de toldos, na esplanada, sobre cadeiras de vêrga, havia sempre corpos desnudados, mal cobertos, que desejavam os benéficos raios do sol. Rosa Maria tinha aí, por acaso, uma galeria de modelos. E, então, desenhava. Pernas esguias, nórdicas, de inglesas; as espáduas fortes, másculas de atletas ignorados; o olhar quente e sedutor de espanholas em férias... de «cabaret»; o sorriso doce



Acabou a sessão. Não é verdade que tenho razões para não estar triste?

ROSA MARIA

UMA PINTORA QUE DESPONTA...

HÁ QUATRO ANOS JÁ DESENHAVA — GOSTA DO TANGO...
E TEM UMA AMBIÇÃO: VIAJAR COM O PAI

nito, dos seus oito anos, se viu embarçado ao agradecer.

Ora, esta pequena Rosa Maria, logo cedo sentiu a necessidade de transmitir ao papel o que, em tumulto, o espirito lhe ditava. Era o seu divertimento predilecto. Tendo papel e lápis podiam as criadas descansar. A menina, muito importante, com o ar senhoril de quem sabe o que vai fazer, entretinha-se toda a tarde a fazer bonecos, a ditar o que a fantasia criava.

Teria, nessa altura, quatro anos.

e enternível duma francesa apaixonada; os modos bruscos dum endinheirado que o acaso da fortuna empurrou do balcão ao Tamariz — e, sobretudo, copiar com o seu lápis, já prodigioso, aquela alegria da praia à hora do banho...

Deu vida aos seus desenhos, insuflou-lhe aquela côr, aquêlo movimento que só os artistas sabem encontrar.

Por isso a menina foi entregue aos cuidados da pintora Eduarda Lapa para que ela, com a sua sensi-

bilidade e a sua técnica, educasse a inspiração insipiente da artista.

E as lições começaram. Dos resultados colhidos ficava a exposição do Estoril, onde apareceram o «pastel» e «sangüíneos» tratados com a mesma desenvoltura.

GOSTA DE DANÇAR, LE O EÇA E O CAMILO E QUERE VIAJAR!

Rosa Maria é uma garota encantadora. Treze anos inocentes, já a

quererem dar-se ares de senhora. Por isso fala com um avôntade extraordinário — e com os olhos brilhantes de quem está contente.

A nossa primeira pergunta responde logo, prontamente:

— Gosto imenso de pintar! Sinto isto como uma força poderosa dentro de mim. Sobretudo, nessas manhãs leves, vaporosas, em que o sol entra de manso sem nos entontecer de luz...

E, depois duma pausa:
— O meu entusiasmo é sempre grande. Gosto de divagar, fazer coisas de imaginação, deixar correr o pensamento...

— E nesse caso...
— Nesse caso, parece-me — e a sua voz tem mágoa — não acerto... porque vejo tudo com olhos muito grandes...

— Se não fôsse pintora gostaria de ter outra vocação artística?

Rosa Maria responde com convicção, dedo no ar, gesto de sentença:

— Escritora! Escrever livros, romances!

— Nesse caso, também gosta ler muito?...

— Multíssimo! Lelo tudo. Mas os autores que eu prefiro são o Camilo e o Eça de Queiroz... Simpatia, não é verdade?

— E a respeito de divertimentos, que tal?

— Claro, estou na idade de me divertir... Gosto de dançar...

E, reparando no nosso sorriso:
— Mas só danço em casa, descanse. Então o «tango» lento, é tão bonito dançado, não acha?...

— Quais são os seus projectos?
A pequena artista sorri. Acha que isso é ousado mas, por fim, olhando o pai, sempre responde:

— Tenho uma grande viagem prometida; hei-de conhecer todos os grandes centros de arte, mas...

— Mas...

— A guerra deve ter destruído muita coisa que eu gostaria de ver...

Nota-se na voz desta pequena uma sentida emoção. E que, artista como é, a sua alma sofre como tantas o reflexo das destruições que a metralha, na ânsia incoitada de arrazar, tem roubado aos olhos dos artistas!



— «Um pouco mais esbatido...» — diz Eduarda Lapa. E a Rosa Maria acompanha com o pincel e o óleo as palavras da professora...



RAMOS-PINTO
SIGNIFICA QUALIDADE
RAMOS-PINTO
"72"
Reine
QUALIDADE E VELHICE



APRESENTA NOS SEUS

**SALÕES DE ALTA
CONFEÇÃO DE PELES**

AS MAIS LINDAS GOLAS DE
RAPOSAS, CAUDAS VULPINAS
E OUTRAS ESPÉCIES MODER-
NISSIMAS-ETIQUETADAS COM

PREÇOS BEM RAZOAVEIS

VIDA
MUNDIAL



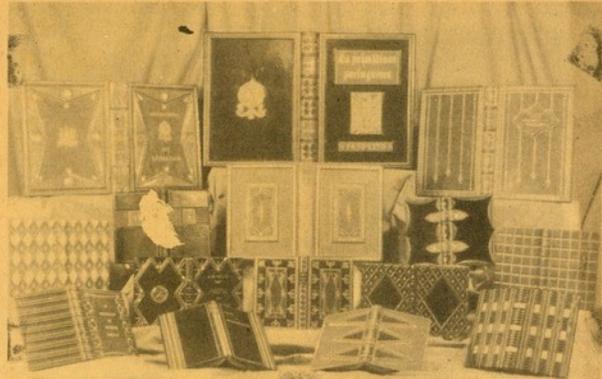
DENTALINA

RUA DO LORETO, 55, 1.^o
TELEFONE 2 4991

PHILIPS



Casa José Costa ~ Radio Luz
Rua de S. Paulo 11-13 — Lisboa Tel. 2480



Trabalhos de encadernação de «A Portugalia», execuções do Sr. Raul de Almeida. Esta empresa de encadernações mudou-se da Rua da Misericórdia, 102 para a Rua Diária de Notícias, 46-48 — Telefone 20582

Alfredo Valadas

(Continuação da pág. 15)

vão seis anos. Mas o entrevistado não sou, é você...

— Aquê episódio passado no Hotel de Milão, após o jogo com a Suíça, em que perdemos por 2-1, depois de uma grande exibição e de um domínio nítido, nunca mais esqueço. Chorávamos todos: jogadores, seleccionador, dirigentes e aquela meia dúzia de acompanhantes, os «tifosos», como diziam os italianos, e que valeram por milhares de pessoas. Longe da Pátria é que nós sentimos bem a Pátria.

Cava-se um silêncio. Vêem à lembrança quadros inapagáveis. Outra pergunta corta o ar:

— Porque abandona você a actividade desportiva?

— Tenho 32 anos. Não estou velho, eu sei. Mas entendo que chegou a altura da retirada, tanto mais que o meu clube já está bem servido. Sou daqueles que compreendem que é preciso ceder a vez aos novos, que podem progredir, valorizar o seu clube e o futebol português, que bem precisado está de seiva fresca.

— Leva saudades, evidentemente...

— Pois claro. Quem as não sentirá bem fundas no momento da despedida?

— Em que dia faz a sua festa de despedida?

— No próximo dia 1 de Dezembro no Campo Grande. Tanto da Direcção do meu clube, como da Direcção Geral, da Federação, Associação e camaradas de outros clubes, tenho recebido as mais cativantes demonstrações de simpatia e as maiores facilidades.

— De que constará o programa?

— Estou a elaborá-lo. Penso, certamente, fazer jogar o Operário com o Atlético de Almada, ambos treinados por dois benfiquenses de lei: o Vitor Silva e o Manuel Alexandre. Como «prato de resistências», o Benfica jogará contra um «mixto» formado por jogadores dos clubes de Lisboa e por dois do Vitória de Setúbal: Francisco Rodrigues, meu antigo companheiro de equipa, e o Montez, meu conterrâneo.

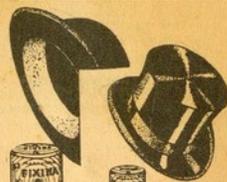
— Será, portanto, Valadas, o seu último jogo...

— Sim, meu amigo, o meu último jogo e a minha última emoção forte.

— Quere aproveitar-se das colunas de «Vida Mundial Ilustrada» para fazer alguma saudação?

— Quero agradecer ao meu clube a deferência e o carinho com que sempre me tratou, o que, de resto, é timbre da colectividade. Aos meus colegas de equipa, antigos e modernos, a sua camaradagem; aos meus adversários, a lealdade; ao público de todo o país, em especial ao de Lisboa e do Porto, a gentileza com que sempre me acolheu; à Imprensa, a maneira como soube apreciar o meu trabalho, quer louvando-o, quer apontando-lhe defeitos.

A todos, pois, muito obrigado! Portanto, fica assente, caríssimos leitores: no próximo dia 1 de Dezembro vamos ao Campo Grande ver jogar a sério, pela última vez, o Alfredo Valadas Mendes, antigo capitão do grupo de honra do Benfica, o possuidor do mais famoso pé esquerdo, na opinião de técnicos nacionais e de alguns estrangeiros que



A nova fórmula de «FIXINA», criada em 1944, fixa, dá brilho e não seca. Exija «FIXINA» O fixador de cabelo das pessoas distintas

1944. **Boião maior, 15800**
Boião menor, 10800
Vende-se nas boas drograrias, barbearias e outros estabelecimentos. Laboratórios Rudl — Rua S.^o Ildefonso, 29. Porto — Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F., Ltd. — Rua dos Fanqueiros, 135-3.^o, Dt. — Telef. 4 3582!



PÓ D'ARROZ
"MONTEGIL"

UMA QUALIDADE MODERNA,
ALIADA ÀS MAIS MODERNAS
E LINDAS CÔRES

À VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS

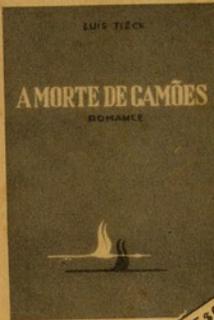


entre nós permaneceram; e um dos jogadores que fizeram da correcção e compostura seu lema característico.

As suas botas vão arrumar-se definitivamente. Não mais serão o terror dos guarda-redes. No dia 1, veremos o seu último jogo. É muito possível também — e porque não? — que vejamos o seu último «tento», a sua derradeira «brasa» — a «brasa» à Valadas — em que depois da bola entrar, o seu pé esquerdo parecia ficar fumegante!...

EDITORIAL AVIZ

apresenta



O Caso Deruga—R. Huch 15500
Dulcinéa—C. Salvagem... 12550
Peplita Ximanas—J. Valeza 15500
Robert Kock—H. Unges 15500
O Vaso de Ouro—Offmann 12550

RUA DA TRINDADE, 20-2.^o
LISBOA

PORQUE
AS ROMANAS TINHAM UMA
CÚTIS RESPLANDECENTE?



POMPEIA, nome imperal de arte e de beleza!
O pó de arroz **POMPEIA** está indestrutivelmente ligado a este nome.

POMPEIA, como requinte de perfumes, foi inexcusável. E hoje, Piver é o único perfumista no mundo que impõe a marca **POMPEIA**.

Assim o pó de arroz **POMPEIA** brilha presentemente como atributo da beleza da mulher, com o mesmo fulgor com que outrora o fizera nos rostos, de peregrina formosura, das patricias pompeianas.

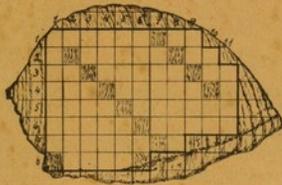
L.T. PIVER



PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 55

Por José Rodrigues Correia
(Viseu)
(Dedicado a Tito Sobral)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1—Cidade da Polónia; Igreja. 2—Serra de Portugal; pronúncio ou compreendi as palavras escritas. 3—O lado do vento (naut.); assento que se coloca sobre o dorso do cavalo (pl.); contração de proposição e artigo. 4—Nome de mulher; embarcação ligeira com dois mastros e vela latina (pl.). 5—Cubículo; marinha de sal. 6—Intransitável; canseis. 7—Apressar muito. 8—Épocas.

VERTICAIS: 1—Cidade da Lusitânia. 2—Pôrto da ilha de Flonía. 3—Nociva; a primeira luz do dia. 4—Duas vezes; nome de mulher. 5—Suplquel; robusto (inv.). 6—Espécie de rá (pl.). 7—Vila do concelho de Viseu. 8—Carimbo. 9—Artigo; feche as asas para descer mais depressa. 10—Progredia; vogal e consoante. 11—Capas.

SOLUÇÃO PROBLEMA N.º 54

HORIZONTAIS: 1—Ar; ia. 2—Alia; arde. 4—Asma; as. 5—Ar; ia. 6—Dardo. 7—

VERTICAIS: 1—Asa. 2—Rola. 3—Lisboa. 4—Ame. 5—Alda. 6—As. 7—Ar. 8—Dó. 9—Fios. 10—Ara. 11—Prisma. 12—Lado. 13—Ate.

DAMAS

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos Rodrigues Lafora
(Espanha)

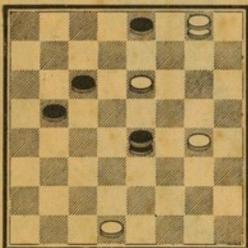
1.º Concurso Internacional de Problemistas de «Damas»

COMPOSIÇÃO N.º 24
(Final artístico)

«La Provincia», 23-11-944
«Las Palmas»—Espanha

Lema: «Luslada VIII»

Pretas: 1 «dama» e 3 «pedras».



Branças: 1 «dama» e 3 «pedras».
As brancas jogam e ganham.

Colocação das peças:
Branças—«Dama» em 29. «Pedras» em 3-13 e 22.
Pretas—«Dama» em 14. «Pedras» em 20-23 e 30.

NOVAS IDEIAS SOBRE O PROBLEMA DE «DAMAS»

Pelo Dr. Carlos Rodrigues Lafora
(Continuação)

V—TABULEIRO—CONDIÇÕES DE UM BOM PROBLEMA

Tabuleiro—O tabuleiro do jogo clássico é o mesmo que o do jogo de xadrez, ou seja o de 64 (sessenta e quatro) casas.

A linha principal deve ir da direita à esquerda. Tem, portanto, a sua primeira casa à direita do jogador. Como já dissemos, em cada sítio se joga de modo diferente, nuns sobre as casas pretas e noutros sobre as brancas; porém, o essencial é que a linha vá da direita à esquerda, contando de baixo.

Muitos autores dividem os jogos em duas classes: de mão e de resposta.

Porém, isto é um absurdo, que só serve para estabelecer a confusão. Nós colocaremos sempre, em finais, problemas e aberturas, as brancas desde 1 a 12 e as pretas de 13 a 18, seja o jogo favorável a umas ou a outras.

Para futuras explicações, sobretudo em finais técnicos, é necessário que estudemos bem o tabuleiro já que este é o terreno onde se vai desenrolar a luta que é toda a partida de «damas».

Nenhum autor, que nós saibamos, se preocupou com este estudo, coisa tão inconcebível como a de um general ir dar batalha sem conhecer a geografia e topografia do terreno em que ela se vai desenvolver (*).

(*) Vimos posteriormente um artigo do engenhoso autor português David Fernando Martins, que divide o tabuleiro em rectângulos de um modo semelhante ao nosso, e também notamos que o sr. Avigliano chama *paralela* ao 2.º circuito e *transversal* ao 3.º.

(Continua no próximo número)

CLASSIFICAÇÃO DOS SOLUCIONISTAS DO 1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMISTAS DE «DAMAS», ATÉ A COMPOSIÇÃO N.º 11

Francisco Henriques, F. Almeida e A. S. Fulgêncio (todos de Almerim), 77 pontos; J. Nieto (Madrid), 73 pontos; J. Brú (Valência), 62 pontos; António Lopes (Ovar) e Aitelmar (Lisboa), ambos com 54 pontos. Carlos Pereira (Lisboa), 51 pontos. Manuel Delgado (Tenerife), 47 pontos. Electino Alvarez (Lisboa), 26 pontos.

(Secção portuguesa)

OS NOSSOS AMIGOS

Dr. Carlos Rodrigues Lafora



Ilustre médico espanhol e técnico de jogo de «damas» de largos recursos. Revolucionou o meio «damístico» ibérico pelas suas modernas e claras concepções e respeito deste belo e popular jogo. É um dos nossos melhores colaboradores.

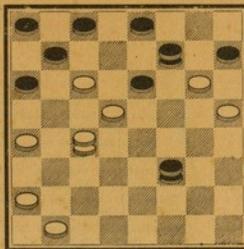
A fotografia que hoje publicamos em sua homenagem, traz a seguinte dedicatória:

«A mi estimado amigo y colaborador Ex.º Sr. Don Augusto Teixeira Marques con todo o afecto.

Telde, 20 de Setembro de 1944.
Carlos Rodrigues Lafora

PROBLEMA N.º 58
(Concurso)

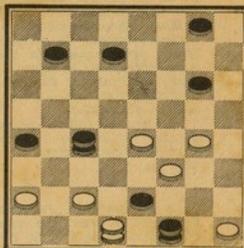
Por Vitorino Dias Alão
(Grjó)



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 59
(Concurso)

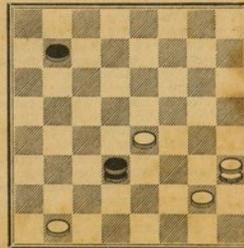
Por Fernando Gomes Cabral
(Pôrto)



Jogam as brancas e ganham.

FINAL DE JOGO N.º 19
(Concurso)

Por «Luslada»
(Lisboa)



Jogam as brancas e ganham.

CORRESPONDÊNCIA

Fernando da Rocha (Palhaça)— Já fiz uma assinatura por 3 meses. Pretendo tudo que desejar saber.
Joachim Afonso Távora Valente Ferreira de Abreu (Lisboa)— Como só me mandou um papel com palavras cruzadas não sei o que pretende. Se é para publicar falta o pedido e falta o desenho a tinta da China, preta.

Nicolau F. Tejo de Moraes (Viseu)— Pode remeter-me os seus trabalhos como estão. Os outros novos introduzir-lhe-á as modificações necessárias. Desejo as suas melhoras. Recebeu o jornal?

José Rodrigues Correia (Viseu)— Recebi a sua carta e muito agradeço todas as suas amabilidades. Quando voltar a Lisboa não se esqueça de me avisar.

Manuel de Agustin (Madrid)— Estou-lhe bastante grato pelas suas amáveis palavras no diário «Arribas». Recebeu as revistas?

Vitorino Dias Alão (Grjó)— Pode remeter mais problemas.

Fernando Gomes Cabral (Pôrto)— C. mesmo que para Dias Alão.

Fernando Pereira (Póvoa-do-Varzim)— Um dos seus problemas é publicado em 30 do mês corrente.

Vitorino de Sousa Valverde (Nazaré)— O mesmo que para Fernando Pereira.

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 100, 3.º—LISBOA

«NOCTURNO»

Novela de Maurice-Bernard Endrèbe

JACQUES Hérend caminhava apressadamente, quasi dobrado em dois, só para ver se podia subtrair-se à chuva. Bem percebia que se tinha perdido porque, de contrário, já devia há muito tempo ter encontrado a estrada nacional, onde passava a camioneta. E, agora, enquanto caminhava, parecia-lhe que, sob os raios de luar, as casas, distantes umas das outras, só lhe ofereciam uma fachada hostil e carrancuda.

Mas, de repente, Jacques deu conta de uma casa que se erguia quasi à beira do caminho com um alpendre saliente a projectar a sombra no chão alagado. Em três pernaças, Hérend alcançava aquêlê abrigo, sem dúvida pouco cómodo mas, ainda assim, muito melhor que a estrada batida pela chuva. De repente e examinou a situação: a casa tinha-o protegido das chuvas e as calças estavam a pingar água em volta da porta.

Hérend que estava a porta da entrada, pôs o seu pé sobre o tapete e sentou-se, de repente, sobre os sapatos, apanhando um tapete.

Está um tempo que não vejo o dono da casa deixar a porta aberta.

Um
contra-
estallido

urava um instante, por fim, enfiou a cabeça na porta que deu um estalido. Jacques deu de uma cadeira e, finalmente, o homem conseguiu entrar. As tropegavam e, irritado, foi cair na cama. A cada vez, se tomava um impulso de objectivo. Já em cima, viu, à luz vacilante, a mulher que se escondia que com a. As três velas chamazita e fuzis vultos gigantes.

mulher com uma expressão de medo. Meu Deus, que coisa!

— senhora, mas a noite é muito escura — disse a mulher com um estalido — senão as minhas velas apagam-se e, depois, primeiro que arranjam fósforos...

Hérend executou o pedido. Entretanto, a mulher desceu ao rés-do-chão e Jacques pôde compreender que se encontrava num «hall» espaçoso, não longe de uma mesa tombada e de um jôgo de cinzeiros espalhados. Ao mesmo tempo, a luz das velas denunciava no chão as grandes nódoas de água que pingava da gabardine.

— Oh! estou desolado... — balbuciou êle — o seu tapete...

Ela baixou lentamente os olhos até ao chão:

— O que se há-de fazer, quando se está assim encurado?

A voz tremia-lhe ligeiramente e, depois, o olhar da desconhecida voltou a poisar na porta da rua fechada.

* * *

Jacques despiu a gabardine, tirou o chapéu e foi colocar tudo num bengaleiro próximo, enquanto a dizendo:

— Se me dá licença, apresento-me: Jacques Hérend...

— Eu chamo-me Anne...

Ela parecia hesitar e Jacques esperou um apellido que não foi anunciado. A rapariga teve um sorriso triste e acabou:

— Anne, sem mais nada, como as rainhas...

* * *

Subitamente, Jacques estremeceu. Anne tinha transposto, silenciosamente os dois passos que os separam e a sua mão agarrava a dele.

Ela procurou o seu olhar e disse com uma comção febril:

— Não é preciso ir-se embora! É preciso que me não deixe só! Foi o céu que o enviou, o sr. me protegerá!

A rapariga agarrou-se-lhe a um braço, enquanto Jacques perguntava um pouco admirado:

— Mas protegê-la de quem? Quem é que a ameaça?

Ela olhou medrosamente em volta, tentando devassar as sombras que a luz das velas não conseguia dissipar:

— Meu marido quer matar-me!

Jacques teve uma exclamação abafada, agarrou pelas mãos a mulher que assim lhe falava, como se quisesse certificar-se de que ella não estava louca. Mas êle só pôde verificar que ella fazia por se dominar e que tinha um lindo rosto, branco de neve, onde dois grandes olhos negros como duas enormes gotas de vidro brilhante, se esbugalhavam de medo.

Ela repetiu:

— Sim, quero matar-me para casar com outra e eu...

Depois, voltou-se para trás e calou-se de repente:

— Ouviu passos?

Jacques applicou o ouvido. A chuva tinha cessado e, agora, só ouvia o cachoar da água numa goteira próxima. Por isso respondeu:

— Não, não ouvi...

— Oh! sim, sim, é êle com os seus esbirros... tenho medo!

Ela levou a mão ao pescoço, como que a protegê-lo de uma terrível ameaça. Depois, pôs-se a recuar, a recuar em direcção à escada, mas sem deixar de fixar a porta. Maquinalmente, Jacques imitou-a. E, de repente, êle viu que a porta se abria lentamente...

* * *

O batente ergueu-se e café pesado sobre a porta. Dois homens de capas de oleado ainda úmidas, entraram.

— Meu Deus! — murmurou uma voz fraca atrás de Jacques.

Os recém-chegados, como se fossem borboletas, precipitaram-se para o candeeiro que Anne colocara sobre um móvel. Um deles pegou-lhe e ergueu-o.

— A casa está deshabitada, presentemente. É ella, com certeza...

Jacques agitou-se porque o homem, precisamente, dirigia para aquêlê lado a claridade das velas. O vão da escada onde a rapariga se occultara ficou, assim, iluminado.

— Ah! mas ella não está só...

Hérend foi colocar-se diante de Anne:

— Esta senhora pediu-me que a protegesse e eu, enquanto tiver vida, não consentirei que lhe toquem.

— Já estou a ver o que é

— disse o outro homem que ficara junto da porta — Esta senhora disse-lhe que seu marido nos enviou para matarmos?

— Sim — disse Jacques — mas...

— Mas ella enganou-se — continuou o mesmo homem. Somos seus leais amigos e protegê-los é o nosso dever.

— Sim — disse Jacques — mas...

— Mas ella enganou-se — continuou o mesmo homem. Somos seus leais amigos e protegê-los é o nosso dever.

— Sim — disse Jacques — mas...

— Mas ella enganou-se — continuou o mesmo homem. Somos seus leais amigos e protegê-los é o nosso dever.

— Sim — disse Jacques — mas...

— Mas ella enganou-se — continuou o mesmo homem. Somos seus leais amigos e protegê-los é o nosso dever.

— Sim — disse Jacques — mas...

tra Henrique. Ella que tenha confiança em nós.

Dizendo isto, êle pôs um joelho em terra e a capa de oleado, abrindo-se, deixou a descoberto uma blusa branca.

— É verdade o que diz? — perguntou Ana.

— Sim — disse o outro — pode seguir-nos confiadamente.

A rapariga afastou-se e encaminhou-se lentamente para o homem ajoelhado, a quem deu os dedos a beijar.

Depois, quando êste se ergueu, ella pôsou a sua mão branca sobre o punho que êle lhe oferecia cavalheirescamente e dirigiram-se ambos para a porta.

Jacques quis intervir, mas o homem do candeeiro deteve-o com um gesto:

— Não acredite em nada disto. Vamos reconduzi-la à casa de saúde que peza com esta propriedade. Ana fugiu pouco antes do temporal e entrou nesta casa donde os donos partiram para férias, deixando, sem dúvida, a porta mal segura...

— Então ella... é louca?

— Sim, uma louca sem fúrias.

— Pareceu-me falar sensatamente — disse Jacques, recordando-lhe os olhos grandes amedoados.

— Oh! ella é perfeitamente sensata na sua loucura, se é possível exprimir-me assim, com a condição de não lhe dizerem que não é Ana Boleyn e que seu marido, Henrique VIII, a não quer decapitar...

— Ah! — disse Jacques — o caminho

de Jacques e afas

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.ª — Trav. Condessa do Rio, 27